

B. N. L.

18883

H.-G.

# HORA

---

# CRÍTICA

---

POR

BAZILIO TELLES

2.<sup>a</sup> EDIÇÃO

ACCRESCENTADA COM NOTAS



IMPRESSA CIVILIZAÇÃO — PORTO

PORTO

BIBLIOTECA PORTUGUEZA — Editora

TRAVESSA DE CEDOFEITA, 54

1916

HORA

CRITICA

ENSAYO DE



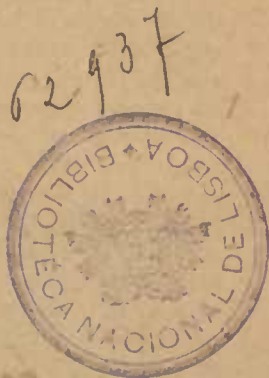
18813  
K.C.  
BÁZILIO TELLES



# HORA · CRÍTICA

2.ª EDIÇÃO

ACCRESCENTADA COM NOTAS



PORTO

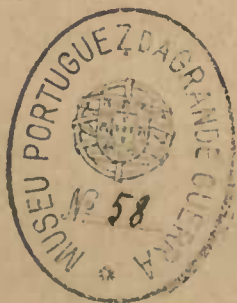
BIBLIOTECA PORTUGUEZA—EDITORA

Travessa de Cedofeita, 54

1916

A SEGUIR:

A belligerância portugueza (no prélo).  
Para a história da Crise europeia (no prélo).  
O imperialismo germânico.  
Campanha e questão do Oriente.  
A Conferência da paz.



Composição e Impressão  
IMPRESA CIVILIZAÇÃO  
54, Trav. de Cedofeita, 56  
Pôrto. \_\_\_\_\_



QUE os Turcos recuam na Arménia, depois de terem já perdido Erzerum e Trebizonda; que os Italianos no Trentino vão repellindo os Austriacos sobre as suas primeiras posições, depois d'estarem por um momento ameaçados de terem que abandonar o Veneto ao inimigo; que os Inglezes e Francezes já o expulsaram no Somme das suas primeiras e segundas linhãs de trincheiras, n'uma extensão de 40 ou mais kilómetros, e promettem proseguir estas vantagens; que a avalanche russa alastrou já por toda a Bukovina e uma parte da Galícia oriental, recalçou os Austro-allemaes sobre o Styr, e certamente acabará por abrir, aqui ou acolá, uma brecha por onde faça uma irrupção irresistivel; que, por outro lado, os Turcos, apezar do seu éxito ephémero em Kut-el-Amara, não conseguiram expulsar do baixo Tigre os Inglezes, tiveram que desistir da annunciada investida contra o canal de Suez e o Egypto, e estão a braços, desde fins do passado mez de junho, com a revolta da Arábia, já meio triunphante e em permanente progresso; que os Búlgaros se limitam a manter cercados e sob a sua vigilância os Alliados em Salónica, sem se abalançarem á offensiva; que o mesmo occorre com os Austro-húngaros relativamente aos Italianos em Valona, além d'estarem desde alguns

dias a contas com insurreições de Montenegrinos e de Sérvios; que a formidável offensiva allemã contra Verdun se pode considerar definitivamente gorada pela heroica resistência dos Francezes, entrou já na phase do esmorecimento e indecisão, e não tardará que se converta em pura e mera defensiva;— n'uma palavra, que as cousas principiam a correr mal para os Austro-allemães, e haviam já mesmo principiado desde que o bloqueio se tornou mais estreito e efficaz, e a correr pelo contrário optimamente para o grupo dos Alliados, — que a iniciativa e as vantagens militares, até ha pouco pertencentes aos primeiros, se deslocaram d'um modo decisivo e claro para os segundos.

Que pensamos nós d'esta offensiva geral dos Alliados? Se não nos parece ainda que seja « o último acto » do grande e terrível drama que ha quasi dous annos se vem desenrolando? Se não somos « tambem » d'opinião que o epílogo se approxima a passos largos, e que uma victória, rápida, completa, esplendorosa, vai ser, emfim, a recompensa da constância, da valentia, e da commovente abnegação das grandes e pequenas nações que se téem defrontado com o bloco dos impérios?

Mais pormenor menos pormenor, são estas as observações que se ouve a cada conhecido que encontramos, e que se lê com frequência em cada jornal que passamos pelos olhos. Com maior ou menor fé, com mais ou menos precisão de pensamento, são estas as perguntas que o articulista, ou o transeúnte encontradiço, se formula a si mesmo, ou nos dirige à queima-roupa. Na apparente despreocupação d'alguns ha um interesse real pelos acontecimentos que estão revolvendo toda a Europa; — na confiança ostensiva de muitos palpita um receio profundo de que a esperança, como as estafadas rosas do poeta, se desfolhe e dissipe a uma resposta despreocupada e fria da intelligência interrogada.

Não ha muito, no emtanto uns dias antes de se

desinvolver a offensiva anglo-franceza, que essas perguntas nos foram disparadas, como se fôssemos uma auctoridade, um quasi oráculo na matéria, em vez de modesto curioso em questões d'história e de natureza militares, e apenas um apaixonado, mas algum pouco reflexivo, observador de phenómenos sociaes, sobretudo quando assumem, como agora, proporções extraordinárias, e revestem as feições ora d'uma epopeia, ora d'um drama.

— Que não víamos, por emquanto, razões sólidas para repellir a these que no opúsculo *A situação militar europeia* procuramos defender; que nos parecia continuar indeciso o grande pleito no ponto de vista militar; que, se o retorno aggressivo russo fosse contido embora à custa de bastante tempo e com sacrificio de terreno, os Austro-húngaros renovariam a sua offensiva no Trentino, e attingiriam as planuras do Veneto, assim como os Allemães, que aliás não tinham abandonado a offensiva, acabariam por se installar na linha do Mosa e em Verdun, sendo porém dubitativo que este éxito lhes facilitasse consideravelmente o accesso de Paris, se é que se propuzeram esse avanço; que, principalmente, faltavam elementos para avaliar, com tal qual exactidão, as forças e os recursos dos dous belligerantes, não podia haver mais que limitadíssima confiança nos informes e noticias dadas pelo télégrapho e a imprensa, e que todo o juízo pois sobre um remate victorioso da lucta para qualquer dos contendores seria, pelo menos, prematuro. Era isto, como dissemos, antes da recente marcha dos Anglo-francos para a frente no Artois e na Picardia. Não nos aconteceu depois, até ao garatujarmos estas brevíssimas reflexões, ser abordado por qualquer sectário alliadóphilo, ou qualquer alma demasiado accessivel ao receio, á guisa de professional emérito occulto sob a farpela d'um civil, talvez mesmo d'especialista raro que, a meditar no assumpto difficil, tivesse povoado de cans a sua cabeça



genial. Mas a curiosidade dos homens, em épochas revoltas, está sempre desperta e engatilhada; e mais hoje mais amanhã, a qualquer inesperado encontro no meio dos solilóquios habituaes acêrca d'algum ponto obscuro ou interessante de Philosophia e de Sciência, a mil léguas portanto de Verdun, do Somme e da Volhynia, é inevitavel vermo-nos de novo, como agora os Allemães, sob o fogo d'este ou d'aquelle entusiasta alliadóphilo, d'um ou d'outro obsediado pela ideia do *que virá a sahir de tudo isto*. Não ha pois outro remédio que prevenirmo-nos para esse indefectivel encontro, coordenar, o mais claramente, o qu-si-nada que se torna possivel respigar no acervo enorme e confuso do noticiário das gazetas, e responder collectivamente e por uma vez a todos esses eternos hesitantes sobre o valor das informações que, pontualmente, lhes fornece cada dia o seu jornal preferido, e a todos esses incorrigiveis desconfiados da validade das conclusões a que as suas faculdades os conduzem.

«Collectivamente e por uma vez» — repetimos. Estão prestes a completar-se dous annos de guerra. Atraz de nós estende-se já uma vasta série de factos, com uma direcção e um sentido sobre que se pode raciocinar com um bocado de justeza e desafoço, poisque entraram no domínio impessoal e inviolavel da História, onde não tem, ou onde não deve ter preza o sectarismo. O ambiente em que se vem movendo n'este instante a informação periodística é, nas suas condições geraes, o que foi desde o princípio; e tem-se ainda aggravado em condições particulares, ou porque paizes neutros se tenham envolvido na contenda, ou porque a tensão progressiva da lucta haja levado a adstringir mais o adversário, e a pôr ponto em tolerâncias que se julgava preciso ou util respeitar. Não temos, assim, mais que resumir os successos capitaes legitimamente considerados como certos, evocar outra vez o character duvidoso de várias das occorências que o télégrapho, por intermédio de correspon-



dentos irresponsaveis e anónimos, nos vem trasmittindo, apreciar rapidamente a importância das mutações militares (e politicas) que sobrevieram, ou se afirma terem sobrevivido, e dizer, depois d'esse exame crítico summário, se a these a que acima alludíamos carece ou não de ser modificada. Sabemos bem que as affirmativas dogmáticas, melhor talvez comminatórias, lisongeiam mais o paladar do grande público, sem por um minuto se reflectir que uma conclusão negativa ou condicionada não depende da vontade do escriptor, nem sequer lh'exprime a idiosincrasia pessoal; que traduz sómente a deficiência ou a própria indecisão dos factos que lhe serviram d'alicerce, e que ella busca interpretar. Sinceramente sentimos essa inclinação geral do público, e mais ainda a falta d'acontecimentos decisivos, que nos impede de lhe merecer as boas graças, e de satisfazer ao mesmo tempo o nosso desejo visceral de certeza e d'estabilidade nas ideias que expendemos. Mas a essa viva necessidade, alheia e própria, é que não vemos algum meio de occorrer se os factos se recusam, e o raciocínio se não presta, a uma proposição final que os synthetise, e nos remova do espirito qualquer dúvida subsistente.

No opúsculo subordinado ao título de *A guerra* já tínhamos insistido fortemente na insufficiência e inexatidão dos informes que o telégrapho nos vinha annunciando, e provado, por maneira que nos parecia irrefutavel, a falta d'elementos precisos para se avaliar com tal qual approximação, já não dizemos o valor do material e a organização dos serviços de campanha, o effectivo sequer das forças combatentes. De novo insistíamos n'outro opúsculo (*O nó dos Balkans*) da série a que o primeiro serve de prefácio n' «o confuso, o tendencioso, o inexacto, o incompleto da maior parte dos informes» que o telégrapho e os jornaes noticiavam acêrca do que vinha passando no Oriente. Mal sabíamos então, sobretudo ao

tempo em que redigíamos o primeiro dos folhetos que citamos, até onde chegavam os rigores e os abusos da censura, estabelecida logo que a lucta começou, e as omissões e as deturpações de factos commettidas pelos correspondentes, irresponsaveis e anónimos como dissemos acima, pelo télégrapho ou por carta. Foi só ha pouco, percorrendo distrahidamente com os olhos o n.º 52 da *Revista argentina de ciencias politicas*, recebida o anno passado, que amavelmente alguém, ignoramos se a sua redacção se algum desconhecido, nos endereçou de Buenos Aires, que tivemos conhecimento d'esses abusos e rigores, e d'algumas occorrências interessantes que talvez aquelle próprio excesso dos censores contribuiu para divulgar largamente, ao menos pelas minorias illustradas nos dous mundos. Todas as pessoas que admittem, por temperamento ou por educação, que a intelligência e a crítica téem tambem os seus direitos, ficar-nos-hão agradecidas se trasladarmos para estas páginas alguns casos typicos que recolhemos da leitura attenta da publicação argentina, e mostrarmos assim á evidência os inconvenientes resultantes de se levar a meticulosidade da censura além do equitativo e do razoavel, não a circumscrevendo a noticias de character militar.

O número da *Revista* foi exclusivamente consagrado á grande guerra, deixando cavalheirescamente a sua redacção plena liberdade aos collaboradores d'apreciarem o assumpto conforme as sympathias ou opiniões de cada um. O artigo de que extractamos as notas rápidas que seguem é assignado pelo sr. Ernesto Quesada, germanóphilo convicto, como elle próprio o proclama, e intitula-se *El «peligro Alemán» en Sud América*. Pode-se, naturalmente, fazer-lhe aqui e adeante objecções; mas, além de bem pensado e bem escripto, escusado seria illucidar que mantem a mais estricta correcção, não obstante a escabrosidade da matéria e a agudeza da phase do conflicto em que o publicista argentino o escreveu.

Não possuimos a sua continuação, infelizmente. O que lemos induz-nos todavia a concluir que o seu auctor se propoz, em particular, desfazer a lenda de que a Allemanha se dispunha a attentar contra a independência do famoso ABC (Argentina, Brazil, Chile), combatendo as affirmativas, em contrário, do professor Roland G. Usher, da universidade de Washington,—e sustentar que o fundo da questão debatida actualmente pelas armas na Europa, por lado da Inglaterra e pelo que toca á Sul America, «és una cuestion de simples competencia comercial, que se cubre com manto de politica grandilocuente: es, em términos crudos, una mezquina *guerre de boutique*».

O artigo já se torna interessante, e merece ser relido e meditado, pelo modo como n'elle se justifica a segunda parte d'essa these; e mais interessante se torna, ao menos para nós Portuguezes, quasi de todo extranhos aos ardentes e eruditos debates a que a grande conflagração tem dado origem, e merece ainda mais ser meditado e relido, pelas passagens em que se referem, embora no intuito de reforçar o argumento, incidentes e opiniões geralmente ignorados. «Es la primera vez en la história—diz o auctor logo no começo—que se ha logrado aislar al adversário, de una manera tan completa, respecto del resto del mundo». Este isolamento da Allemanha—seria quasi supérfluo explicar—resultou da severissima censura politico-militar de Londres, combinada com a concentração na capital ingleza de todo o serviço telegráfico ultramarino, e do monopólio pela Reuter, em tempos normaes, d'este serviço em relação ao grande periodismo do Globo. Repare-se, para se aquilatar, e fazer-lhe a devida justiça, a proibidade do escriptor, que a Inglaterra não lhe provoca censuras, indignação menos ainda, pela «enérgica medida» que tomou ao romper do conflicto; ao contrário, é-lhe reconhecido «el derecho que le assiste de aprovecharse de las ventajas

que posee». Quem o publicista censura é a Allemanha, por não ter previsto o golpe, e avaliado pois com antecedência todo o alcance em qualquer época, particularmente em época de crise, da continuidade e facilidade das relações com a imprensa periódica do Mundo. Frisamos essas e análogas passagens do artigo para que levanamente se não julgue que o articulista é, não obstante a sua illustração, um d'estes sectaristas vulgares, ou uma d'estas pequenas almas receiosas da contradicta serena, que bem conhecemos cá por casa; e também para que se fique seguro da veracidade dos informes que nos dá, e da authenticidade das opiniões de personagens estrangeiros, favoraveis ou hostis á sua these, que traduz de quando em quando, ou a que faz referêcia no decorrer do seu estudo. É, evidentemente, uma intelligência culta e crítica, que sopeza a exactidão dos factos que cita. e a fidelidade do pensamento alheio que traslada, ou que discute.

A rapidez e a efficácia d'aquella espécie de bloqueio de noticias de procedência allemã, e com destino á Allemanha, são facéis de comprehender pelos dados resumidos que respigamos na citada publicação platina. A Allemanha estava telegraphicamente relacionada com os paizes estrangeiros, fóra do continente da Europa, pelos cabos submarinos que da sua costa occidental (no mar do Norte) se dirigiam: seis para Inglaterra; cinco para a América e a África. Os primeiros, propriedade d'um ou d'outro dos dous Governos, claro que foram inutilizados desde logo, sem que houvesse para isso a menor necessidade de os cortar; os segundos, que se dirigiam, um para Brest, outro para Vigo, outro para Tenerife (nas Canárias), e os dous restantes para os Açores e d'aquí para Nova York, foram immediatamente cortados no seu trajecto obrigatório pela Mancha, embora todos assentes no que em direito público das Gentes se denomina «águas neutraes», isto é, para além dos limites das «águas jurisdiccionaes» inglezas e

francezas, graças á inferioridade numérica da esquadra allemã, que lhe não permittiu nem prevenir nem remediar o incidente. E digamos de fugida que eis mais um argumento de que *sir* E. Cook se não lembrou para reforçar a sua these, examinada por nós n'«*A Inglaterra pacifista*», de que a Allemanha não carecia d'augmentar ainda a sua frota de combate para proteger o seu commercio, e em geral os seus interesses economicos, politicos e moraes no exterior.

D'este corte, effectuado pela Inglaterra a 5 d'Agosto de 1914, no dia immediato áquelle em que apresentava o seu *ultimatum* em Berlim e declarava a guerra á Allemanha (1) por ausência de resposta dentro do prazo exigido n'aquelle documento, resultou para este paiz a impossibilidade absoluta de communicar telegraphicamente com a América, e até com a república africana da Libéria, por onde passava o cabo que de Tenerife se dirigia a Pernambuco. Para communicar com a África dispunha, em tempo de paz, dos que partem de Trieste, da Itália e da Turquia. Mas todos pertenciam a uma

---

(1) Porque em Portugal talvez se não tenha ligado a devida attenção a este facto, aqui se transcreve o despacho (N.º 158 da *Corresp. do G. brit.*) de *sir* E. Grey a *sir* E. Goschén, embaixador da Inglaterra em Berlim, que o permite apreciar:

4 de Agosto de 1914.

«Temos informações de que a Allemanha endereçou uma nota ao ministro dos negócios estrangeiros da Belgica, da qual consta que o governo allemão se verá obrigado a executar, pela força das armas se for preciso, as medidas que considera indispensaveis.

Tambem recebemos informações de que o território belga foi violado em Gemmenich.

N'estas circumstancias, e em vista do facto de que a Allemanha se recusou a dar a mesma garantia, com respeito á Belgica, que a França deu na semana proxima passada em resposta ao nosso pedido feito simultaneamente em Berlim e Paris, somos obrigados a repetir esse pedido, e rogamos que se



companhia ingleza, a *Eastern telegraph Co.*, e tocam todos em territórios inglezes, Malta e Gibraltar; cahindo desde logo, portanto, como os outros em poder do inimigo, Inutilisaveis ficaram egualmente desde logo as communicações cablogrâphicas indirectas, atravez da Hollanda, Dinamarca e os dous paizes escandinavos, pela sua passagem obrigada n'alguns dos portos inglezes ou francezes.

Communicações para o Oriente tinha-as tambem em tempos normaes pelo telégrapho terrestre. Como porém todas as linhas que partiam d'ella, ou dos paizes que actualmente combatem ao seu lado, atravessam a Índia ou o império moscovita, evidente se torna que ficou por egual totalmente privada de relações com o resto do Mundo por esse lado. Sob este ponto de vista, as suas relações ficaram, desde o começo d'agosto de 1914, restringidas á sua alliada e vizinha e aos paizes neutraes europeus, directa ou indirectamente confinan-

---

receba aqui, o mais tarde á meia noite d'hoje, uma resposta satisfactoria a esse pedido e ao meu telegramma desta manhã (\*). No caso contrario V. Ex.<sup>a</sup> pedirá os seus passaportes, e dirá que o governo do Sua Magestade se vê obrigado a dar todos os passos em seu poder para sustentar a neutralidade da Belgica, e a observancia d'um tratado no qual a Allemanha tem tanta parte como o governo do Sua Magestade».

(\*) No despacho a que se allude n'este, transcreve-se, nos próprios termos, o appêlo, do rei da Belgica ao rei da Inglaterra, á «intervenção diplomática do governo de Vossa Magestade para salvaguardar a integridade da Belgica»; e diz-se no seu remate, que é o que interessa conhecer: «O governo do Sua Magestade vê-se obrigado a protestar contra a violação d'um tratado no qual a Allemanha tomou parte do mesmo modo que o governo do Sua Magestade, e exige uma garantia de que não se proseguirá no pedido feito á Belgica, e que a neutralidade d'esta será respeitada pela Allemanha. V. Ex.<sup>a</sup> deve pedir uma resposta immediata».

Para que nera sombra de dúvida empane a limpidez do facto que faz objecto d'esta nota, trasladaremos ainda a seguinte passagem do relatório de

tes com ella, desde que nenhum paiz inimigo se interpunha; e para além d'esses limites, ás que a sua estação radiographica de Nauen podesse transmittir, e que não podia nunca ser, claro está, o equivalente do telégrapho, terrestre ou marítimo, ordinário.

O que vinha aggravar ainda este, já de si muito grave, insulamento era a circumstância de ser a agênciã Reuter, em estreito intendmento com a Havas, a fornecedora das noticias para todos os principaes orgãos jornalisticos do Orbe, a servidora officiosa dos Governos e dos interesses inglezes em todas as conjuncturas em que uns e outros s'encontrassem n'uma dada occasião e n'um dado ponto, e de gozar ella, pela sua informação irreprehensivel, d'um crédito universal, que a agênciã Wolff, parece que destinada sobretudo a servir os interesses e a politica da Allemanha, e outras agênciãs estavam muito longe de possuir. Por esta maneira, isto é, interceptando as

---

vir E. Goschen (N.º 150), com a indicação o a data de—Londres, 8 d'agosto de 1914:

« Pelas 9 e meia da noite, Herr von Zimmermann, sub-secretario d'Estado, veio-me visitar. Depois d'exprimir o seu pezar profundo porque as relações, officiaes e pessoais, muito amigaveis que subsistiam entre nós estavam prestes a acabar, perguntou-me casualmente se o pedir os passaportes era o equivalente d'uma declaração de guerra. Respondi que uma auctoridade tao grande como elle era em assumptos de direito internacional devia saber, tao bem ou melhor do que eu, o que era costume em casos similhantes. Acrescentei que havia muitos casos em que se tinham rompido as relações diplomaticas sem, não obstante, se ter seguido a guerra; mas que, n'este caso, elle teria visto pelas minhas instruções, um resumo das quaes eu tinha dado a Herr von Jagow, que o governo de Sua Magestade aguardava uma resposta a uma pergunta definitiva, não mais tardar que até á meia noite d'esse dia, e que na falta de resposta satisfactoria ver-se-hia obrigado a dar os passos que os seus compromissos necessitassem. Herr Zimmermann disse que, de facto, isso era uma declaração de guerra, visto o governo imperial não poder de modo algum dar a garantia pedida ou n'essa noite ou n'outra noite qualquer».



communicações cablográficas, directas e indirectas, da Allemanha, e possuindo nas agências Reuter e Havas instrumentos doces para execução dos seus planos, a Inglaterra conseguia na realidade dirigir, embora fosse condicionalmente e por um tempo limitado, a imprensa mundial, e ser por conseguinte a inspiradora e a propulsora indirecta das correntes d'opinião favoraveis ao partido dos Alliados, e hostis ao bloco dos impérios, á Allemanha sobretudo.

Vinha de longe esta influéncia do Governo inglez sobre essas agências telegráficas; de longe vinha tambem o seu cuidado em ter na mão, para as eventualidades que surgissem, a superintendência no serviço das communicações internacionaes por meio dos cabos.

Assim: quando foi do terramoto de Messina em 1909, todo o mundo foi informado pela Reuter dos auxílios prestados ás victimas d'elle pelos diversos paizes da Europa, a Allemanha só exceptuada; nas suas questões colónias com a Inglaterra, a França viu mais d'uma vez retidos os seus telegrammas até o Governo inglez tomar as suas resoluções relativamente a cada caso; e a Hespanha na sua guerra com os Estados-Unidos viu tambem interceptados os seus, ao que o sr. E. Quesada attribue «o facil anniquilamento da sua frota», em Santiago de Cuba e em Cavite. Estes e outros factos, apontados no curioso artigo que citamos, e de cuja veracidade não é possivel duvidar-se, embora se attendesse apenas, para a corroborar aos nossos olhos, á exactidão com que se refere a vários d'elles geralmente conhecidos, e á velha campanha anti-germânica conduzida pelo *Times*, o *Spectator* e a *National Review* (sobre a qual temos mais testemunhos insuspeitos), — crêmos que põem completamente fóra de questão a realidade d'aquella influéncia official ingleza sobre as grandes empresas d'informação a que o jornalismo universal está submettido. Este cuidado do Governo britânico em se garantir o uso, para

não dizer o monopólio, do serviço informativo cablográfico quando o julgasse conveniente ou indispensável aos seus interesses, resulta immediatamente das tres condições por elle impostas ás companhias particulares a quem permittia estabelecer e explorar cabos submarinos em qualquer ponto do território do Império. As condições eram as seguintes: «a) os telegrammas do Governo imperial e dos Governos coloniaes terão sempre a preferência, mas pagarão só metade do preço; b) o cabo não será servido por empregados estrangeiros, os seus fios não estarão em communicação com nenhuma chancelaria estrangeira, nem passarão a ser fiscalizados por Governo algum estrangeiro; c) no caso de guerra, motim ou complicações imprevisas, fica o Governo auctorizado a tomar posse de todas as estações que s'encontrem no seu território ou no de paizes sujeitos ao seu protectorado, com o fim d'explorar o serviço com pessoal próprio (isto é, da sua escolha) durante todo o tempo que julgar conveniente, e mediante indemnisação opportuna».

Do rigor da censura politico-militar, estabelecida logo que deflagrou o conflicto, pode facilmente avaliar-se por estas informações officiaes: prohibição de se publicar nos jornaes inglezes e transmittir pelos cabos quaesquer noticias sobre as operações de guerra antes de cinco dias depois de realisadas, quando essas noticias proviessem d'uma zona de 20 milhas de raio (uns 37 km.) em torno á das tropas em acção; prohibição de commentários a estas noticias antes de transcurros outros 5 dias depois de terem sido recebidas, assim como relativos a movimentos de tropas que era de presumir realisarem-se; submettidos á censura todos os artigos a publicar sobre que houvesse algumas dúvidas. Com razão ou sem ella, esta rigorosíssima censura, aliás perfeitamente legitima dentro de limites razoaveis e quando exercida com critério, era lançada á conta exclusiva de Kitchener, que só acceitara o cargo de ministro da guerra sob a condição expressa

de se lhe dar plena liberdade de acção, e levou a sua intransigência na questão de notícias e commentários da guerra a ponto d'intimar todos os correspondentes de jornaes a abandonarem immediatamente o campo das operações, e a quem, porisso, os Inglezes, no decurso de novembro de 1914, começavam já a chamar o «dictador» e o «antocrata». Não sabemos se não seria algum tanto justa esta accusação; mas quer-nos parecer que as circumstâncias e o costume pezavam mais na situação de que os Inglezes se queixavam, do que a vontade de lord Kitchener, por despótica, e arbitraria mesmo, que se lhe queira suppôr: Outro militar qualquer no seu lugar, de-de que tivesse a mesma decisão, faria exactamente o que elle fez. À parte os exaggêros a que acima se alludiu, o mallogrado ministro da guerra nada mais fazia que reconhecer certos factos sociaes que uma longa experiência collectiva e a investigação dos psychólogos provam serem indefectíveis em épocas d'agitação, e até normaes, e que seguir uma velha táctica, pela adopção de certas regras de publicidade que esta investigação e aquella experiência demonstram serem efficazes.

Os factos sociaes a que nos estamos referindo podemos resumil-os d'este modo: as multidões são impressionaveis e totalmente destituídas de senso crítico, por consequência eminentemente suggestionaveis pela palavra, escripta ou oral, seja ou não crível o que se pretende transmitir-lhes, desde que haja prestigio em quem lhes falla, e seja peremptória a insistência na transmissão do que se quer; o crédito d'um orgão de publicidade qualquer é tanto maior juncto dos seus leitores, habituaes ou adventicios, quanto mais abundante, minuciosa, recente e verídica, nas condições ordinárias, se tem revelado a sua informação; por esta informação completa e fidedigna, muito mais do que pelas opiniões de quem o redige, é que um jornal influe no grande público, e quasi o pode governar, ás vezes, com ineluctavel tyrannia. A não se

lhe opporem uma opinião geral préclaborada, uma disposição sentimental primitiva, ou por qualquer motivo exacerbada, nas populações d'um paíz, e uma corrente de propaganda antagonista, o jornal acreditado é na realidade, e não rhetoricamente apenas, o creador ou elaborador do que o público imagina pensar e sentir por impulso próprio; é o verdadeiro árbitro das opiniões e das emoções predominantes n'um dado paíz, e n'um dado momento; chega a ser até uma força capaz de dar em terra com o mais oppressivo e forte despotismo. Este poder suggestivo e propulsor é, sem o menor exaggêro, incomparavel em qualquer paíz, e sob qualquer regimen, em tempos de normalidade; imagine-se então qual não será em tempos d'excitação, em regimens democráticos ou sómente representativos, e em povos accessíveis, pela origem ou pelo ambiente geográphico, á mais leve perturbação exterior. São as nações latinas, europeias e americanas, as que precisamente se encontram nas condições que vimos d'apontar, e se deviam pois sentir mais predispostas a favor dos Alliados; sobre ellas, bem como sobre os Estados-Unidos, ligados por vínculos de sangue á Inglaterra, é que portanto convinha exercer uma propaganda noticiosa que provocasse uma corrente decididamente favoravel, sobretudo tendo-se em vista a influência que tinha o Allemão na Norte-América. A «enérgica medida» ingleza que o publicista argentino assignalava, obedecia sem dúvida, independentemente dos effeitos que devia produzir na imprensa e no público británnicos, a esta necessidade de combater, pela sonegação de noticias que lhe fossem favoraveis, e pela ampla divulgação das que representassem para ella prejuízo, a rica e numerosa colónia allemã nos Estados Unidos, em geral todas as populações germánicas da América, e áquella vantagem d'attrahir ao partido alliado todas as populações latinas e anglo-saxónias.

A tática que geralmente se adopta para influir

n'aquelles factos sociaes no sentido que se deseja resumir-se essencialmente no seguinte :

Ampliar e accentuar bem as notícias favoráveis, omitir ou demorar, e não sendo possíveis a omissão ou demora, diluir, na forma e na essência, as notícias desfavoráveis em explicações e incidentes que lhe destruam o effeito depressivo ; sublinhar sempre com restricções e dúvidas qualquer notícia favorável ao inimigo que não seja possível negar, retardar, nem diluir, como dissemos atrás, em incidentes e explicações que não comportem, e attenuar-a pelo annúncio dubitativo d'um acontecimento favorável occorrido em qualquer parte ; para tornar acreditavel tal ou tal occorrência favorável ou desfavorável, de que se conta retirar um beneficio d'importância, não lhe consentir a circulação em termos eguaes nem como procedente d'uma fonte exclusiva, naturalmente sujeita ás suspeições do leitor intelligente de periódicos, mas fazê-la circular sob pequenas variantes, como oriunda de paizes differentes, de maneira a que o ponto fundamental a divulgar seja não só o mesmo em todas as notícias, mas sobressaiha e se fixe, pela sua repetição, no espirito dos leitores ; dispôr os ânimos, com antecedencia e observações apropriadas, para um revez inevitavel, ou que, no emtanto, possa vir a realizar-se ; finalmente impedir a publicidade de quanto convem que seja assumpto reservado, e fazer, ao contrário, a propaganda de quanto, directa ou indirectamente, contribua para chamar sobre si a confiança, e diminuir, ou podendo ser, destruir a fé no valor do adversário, como sejam os recursos financeiros, as circumstâncias económicas, o estado moral das populações, o voto ou opinião de collectividades e personalidades em destaque.

Havia ainda a mencionar ao menos como expediente, ou tática, quando se julgue preferivel este termo, seguido pelos redactores e correspondentes de jornaes interesseiros ou sectários — não dizemos pela cen-



sura — o empreendimento de verdadeiras campanhas de calúmia e diffamação, lançadas perfidamente á conta de personagens entrevistados cujo nome se não declara, ou de jornaes cujo titulo e número se não citam, e o costume de se desnortear systematicamente o espirito público com a multiplicidade das noticias, anodinas ou tendenciosas, ora criveis ora disparatadas e confusas, de procedência originária desconhecida ou que não é possível apurar (1). É lêr qualquer jornal com attenção, e sobretudo relêr o que a maior parte d'elles publicaram na sua secção telegráphica nos primeiros mezes de guerra, para se formar hoje uma ideia imparcial equitativa dos excessos, mesmo até de linguagem, a que pelo menos alguns d'elles se abalançaram ou desceram, na fúria sectária, quando não puramente artificial e interesseira, d'elogiar ou denegrir. É o edificante e o curioso do caso vem a ser que toda essa torrente de bajulações ou de sandices corria á solta, infeccionando o ambiente, quando s'exercia já a censura, ou official nas nações belligerantes, ou officiosa por assim dizer n'alguns que não estavam por então involtos no pleito.

---

(1) Eis uma das mais recentes, que lomos ha dias no *Diario de Noticias*, de quarta-feira 19 de julho:

«Paris, 18.—O *Journal* recebeu um telegramma de Londres, noticiando que, segundo informações de Nova-York, dizem de Berlim ao «*Worlds*» que o submarino «*Bremen*» que devia ir da Allemanha aos Estados-Unidos, regressou ao porto e renunciou a fazer a travessia do Atlantico».

É, como se vê, uma noticia de torna-viagem. Mas que immenso e complicado trajecto, santo Deus! para ficarmos, afinal, sem saber a sua authenticidade e a sua fonte originária: Berlim (quem?), «*Worlds*», informação de Nova-York (de quem?), telegramma de Londres (do correspondente ou de quem?), reproducção d'elle no «*Journals*», transcripto e remessa para Lisboa. Imagine-se que era de maior importância a noticia: d'onde, realmente, proviria ella?

Tem-se objectado aos partidários d'uma intervenção official a esse propósito que taes excessos a si mesmo se corrigem; que os jornaes sérios, as minorias illustradas, o simples bom senso dos leitores bastam para cohibir esses desmandos, dar a taes notícias e campanhas o valor que reconhecem, para repôr emfim as cousas na sua verdadeira perspectiva. Em tempos normaes, em paizes d'um nivel elevado de cultura, e em casos demasiado concretos e simples para que seja facil á phantasia, ou á paixão, ter carreira livre, não duvidamos de que os oppositores a medidas restrictivas tenham razão. Não julgamos que a tenham, absolutamente, fóra das condições que figuramos; e não a téem, com certeza, quando uma censura s'estabeleceu, sob a evidente pressão de necessidades collectivas, e tem pois de se tornar não apenas, como erradamente se cuida, o fiscal das notícias e commentários que convenha ou não lançar a público, mas o orgão que assegure a liberdade de toda a critica séria e a circulação de toda a noticia de procedência devidamente indicada e authenticada. Formular, d'accôrdo com os próprios interessados, os preceitos criticos a que a informação jornalística, em assumptos especificados, deve obedecer, sobretudo no que toca á indicação e authenticidade da procedência da noticia; reduzir ao mínimo a espécie d'informações cuja publicidade é interdicta; prohibir expressamente a linguagem descomedida e injuriosa nos commentários ou opiniões emittidas a respeito dos assumptos e informes cuja publicidade se auctorisa; deixar ampla liberdade de critica, desde que as garantias constitucionaes não estão suspensas, ao escriptor que se mantenha dentro das condições que vimos de apontar em resumo; e punir o infractor que se recuse a observal-as, sobretudo se deliberadamente reincide na infracção: isto — parece-nos — seria o que a censura, estabelecida logo que explodiu o conflicto, tinha imne-



diatamente que fazer, antes de tumultuariamente e com súbito rigor trincar, supprimir, deixar correr as notícias e commentários que lhe affluiram á banca a pedir licença de circular. Com regras claras e simples, como acima lembramos, e préviamente concertadas entre as comissões de censura e a imprensa, a verificação e a selecção do que se podia publicar é evidente que seriam expeditas, e bem mais efficazes certamente, quando se attende á massa e variedade das leituras a fazer e á estreiteza do tempo de que o jornal pode dispôr para sahir pontualmente, ao mesmo tempo que se attenuava o mais possivel a comprehensivel susceptibilidade do jornalista e do público pela desagradavel coacção, e os prejuizos materiaes que d'ahi mais ou menos resultam para as empresas jornalisticas, para não fallarmos já d'algum descrédito possivel pela deficiência ou inactidão do serviço informativo.

Temos reflectido um pouco no assumpto, e pensamos que tanto o público como a imprensa lucrariam se a censura, d'accôrdo com essas empresas, adoptasse, pouco mais ou menos, as seguintes regras uniformes:

a) haver em cada jornal uma secção exclusivamente destinada a informações acêrca do pessoal e serviços públicos, classificadas por ministérios;

b) publicar n'esta secção tudo, apenas e pelo theor que fosse fornecido ou auctorizado por uma repartição incumbida d'este serviço;

c) submitter á obrigação da *alinea* anterior os telegrammas expedidos para o estrangeiro sobre os assumptos a que a citada *alinea* se refere;

d) dividir a secção actualmente destinada ás informações telegráphicas do estrangeiro, em duas subsecções: communicados officiaes e officiosos; informação particular;

e) reproducção litteral, integral e uniforme dos communicados officiaes e officiosos, fosse qual fosse o

Governo de quem emanassem, resalvado ao jornal o direito de não inserir algum ou alguns, e á censura o de lhe ou lhes prohibir, em certos casos, a publicidade, de a retardar, n'outros, por um prazo de tempo cujo máximo se fixaria por accôrdo entre os interessados;

*f)* indicação obrigatória, para a informação particular directa, do nome da agência ou do correspondente, habitual ou accidental, no logar d'onde o telegramma é expedido, afóra a data da expedição, claro é;

*g)* a mesma indicação obrigatória, para a informação particular a que chamaremos indirecta, do título e data do jornal d'onde a notícia ou o telegramma foram copiados, do nome da personalidade ou entidade (a direcção d'um banco, por ex.) importantes de quem se transmite telegraphicamente uma entrevista ou um informe, — e, á falta d'elle, a declaração expressa de que a publicidade d'esse informe ou entrevista foi devidamente auctorizada;

*h)* indicação obrigatoria do título e data do jornal ou qualquer publicação periódica, de que se traduz algum relato, crítica ou opinião, e do nome ou inicial que os subscrevem;

*i)* enumeração prévia, tambem d'accôrdo com as empresas jornalísticas, dos assumptos relativos ao paiz e ao estrangeiro sobre os quaes a notícia, ou apreciação, do jornal fica sujeita a ser prohibida ou retardada;

*j)* a qualquer ampliação eventual na censura a notícias do estrangeiro, aviso ás empresas jornalísticas com antecedência necessária para que os seus correspondentes fiquem prevenidos;

*k)* obrigação de inserir gratuitamente qualquer desmentido, rectificação ou pedido de comprovação a notícias ou apreciações, inexactas ou pejorativas, do jornal, desde que se formulem em termos correctos.

Para regularisar e suavisar o mais possível o re-

gimen sempre desagradavel da censura, parece-nos que estas ou análogas bazes bastariam. Sobre cousas officaes, a reserva que se repute indispensavel fica pela *alinea b)* perfeitamente garantida, e é facilmente attingido, no emtanto, o responsavel pela inconfidência commettida; as commissões não terão mais trabalho que percorrer a secção especial que se propõe na *alinea a)* e verificar se traz ou não appensa a rúbrica *fornecida*, ou *auctorisada*. Pelas *alneas d)* a *f)* ha todas as probabilidades de restringir os abusos de reportagem que a phantasia ou a paixão se lembrem de praticar; e fica-se entretanto sabendo a quem attribuir qualquer desmando informativo de que resulte prejuízo de maior, e por conseguinte de que modo obstar a que se possa repetir. A censura, aqui, terá os seus melhores auxiliares no público que deseja ser informado com prohibidade e competência, e no jornal que pretende manter intacto o seu crédito. Pelas *alneas g)* e *h)* poupa-se aos leitores de jornaes o trabalho, nem sempre fácil nem proficuo, de inquirir das redacções quem são os auctores reputados de taes ou taes commentos e artigos que lhes provocaram o interesse, e que frequentemente quereriam colleccionar ou lêr na íntegra; e facilita-se-lhes a formação d'am juízo imparcial sobre essa collaboração adventícia. Pelas duas penúltimas *alneas*, julgamos que se garante regularmante o jornal contra os prejuízos e contrariedades inúteis que dá censura lhe advenham. A última é simples consequência d'elementar prohibidade jornalística.

Inutil mostrar que, á parte as notícias e commentários cuja publicidade se interdiz, nenhum direito essencial, aqui, é coarctado. O jornalista escreve livremente o que pensa sobre todos os assumptos não attingidos pela censura, que são a grande maioria dos que habitualmente offerece á curiosidade dos leitores.

Com as restricções apontadas o que se procura

unicamente é regular, em circumstâncias anormaes, o exercicio d'um direito a que, nas ordinárias, não corresponde de facto, embora legalmente exigivel ás vezes, a observância de deveres. N'aquellas circumstâncias, para já prescindirmos das normaes, a publicidade não é, ou pode não ser um acto inoffensivo; e n'ellas ao menos não se comprehende que se deixe d'exigir, sequer, a authenticidade da noticia publicada, e a responsabilidade, senão legal, moral de quem a fez circular ou borda sobr'ella os commentários que lhe parecem opportunos. A máxima liberdade possivel na informação e na crítica, estamos plenamente d'accôrdo; mas haja uma origem verificavel á informação, e um nome responsavel, moralmente ao menos repetimos, por traz d'ella e do artigo que a commenta. O anonymato em casos taes é, senão deprimente em absoluto, poisque o dicte ás vezes a modéstia, garantia mais que duvidosa da veracidade do que se lança em circulação ao grande público. Irresponsaveis completamente diz-nos a História que nem os próprios animaes conseguiram sel-o; d'extranhar, pelo menos, seria que a irresponsabilidade passasse nos homens por um direito, talvez até por uma virtude. Para o simples crédito, do jornal, como para a credibilidade da noticia e a influencia da opinião do articulista nos leitores, nos leitores cultos principalmente, a apposição d'um nome não se dirá que seja uma formalidade sem valor. Um correspondente probo e illustrado nunca poderá ter a cotação, nem mesmo para a clientela ordinaria dos periódicos, d'um correspondente ignorante ou faccioso. Um articulista notoriamente tido por competente em determinados assumptos, leitor algum o vai equiparar a um mero cerzidor de phrases ôccas, muito menos a um anônimo impertinente, se não chega a ser nocivo, dissertando, como alguns, sobre o que saiba e o que não sabe.

É possível que a previsão nos saia fruste; mas estamos cada vez mais convencido de que um dos bons resultados a que o actual conflicto levará ha de ser a regularisação da publicidade em cada paiz civilisado, pelo menos a fixação de regras uniformes a seguir na informação internacional, talvez nas épocas normaes, e certamente na hypóthese de ruptura de relações entre as Potências. Tornou-se tão unanimemente palpavel a desordem do regimen internacional d'informação em todo o Mundo que é impossivel não se lhe dar um remédio d'ora em diante.

Ficou já dito que o Governo inglez mandou cortar os cabos submarinos allemães que partiam de Emden e Borkum, embora assentes no que se denomina «águas neutraes», e se appropriou do serviço dos que pertenciam a companhias particulares no Mediterráneo — o que, por falta prévia d'um accôrdo entre as Potências, ou por condição explicita de contractos, era simplesmente o seu direito, ou uma resolução de legitimidade incontestavel. Mas o que tambem é incontestavel é que promoveu uma grande perturbação commercial nos paizes neutros, e lesou ao mesmo tempo o direito da opinião desinteressada mundial em ser informada imparcialmente do que vinha occorrendo entre as nações belligerantes. A sua censura official a quanto era telegraphicamente transmittido para fóra do continente europeu, para a América sobretudo, claro que ninguem se lembrou de lh'a exprobrar; ninguem, tampouco, extranharia que procurasse fazer derivar em seu proveito as relações d'intimidade mantidas com as mais acreditadas agências telegráficas do Mundo. Mas o que tambem espirito imparcial algum lhe agradecerá é o seu descuido em reconhecer, até por conveniência própria, os direitos da opinião neutral e da livre critica, pondo um pouco mais de comedimento e ordem no serviço da censura, que já dissemos ser indispensavel, e em não utilizar melhor a conjunctura para



estabelecer um regimen mundial de publicidade em bases mais ou menos parecidas ás que foram indicadas. Ao menos para quanto fosse communicado official, a liberdade de circulação da noticia, excepção feita d'uma ou d'outra reserva indispensavel, definitiva ou transitória, e o dever imposto aos agentes telegráphicos e aos jornaes de promoverem a mesma publicidade ás reclamações que suscitasse, eram medidas que não só a justiça, mas a consideração pelos neutros, a conveniência ulterior, se não fosse immediata, e a simples altivez nacional estavam impondo. A propaganda em favor dos Alliados — a informação particular nos jornaes, conforme a denominamos acima, se incumbiria de a fazer. O que parece é que desde o romper das hostilidades a censura na Inglaterra e na França se preocupava sobretudo com chamar a si o monopólio das noticias, e com ter assim na mão indirectamente o sentimento e a opinião do grande público, nos dous paizes e no resto do Globo.

Como quer, porém, que na realidade s'exercesse, a sua acção, proficua e talvez habil por vezes, foi improficua e inhabil outras vezes, até na phase em que as sympathias do Mundo se inclinavam com decisão para o seu lado. Lêmos, por ex., no citado artigo da *Revista*, que o *Times*, de 8 d'outubro de 1914, escrevia: «poucas cousas poderão fazer mais damno do que o augmento da impressão de que, ou por omissão ou por encomenda, s'estão colorindo as informações geraes telegráphicas»; o *New York Times*, de 6 d'egual mez: «um dos peiores aspectos da presente guerra é a damninha influéncia d'uma censura cega: Francezes e Inglezes deviam, contudo, reparar em que, se desejam promover e estimular a crença estrangeira no seu poder combinado, a supressão de toda a informação fidedigna é uma triste politica; com os Allemães a questão é differente, porque, com paizes hostis d'ambos os lados e com os cabos cortados, não têm senão meios limitados para enviar

informações para o exterior». Do tino, ou previdência, que a censura mostrou em certos casos, ahí respigamos ainda este exemplo, um tanto cómico. Falla o *Times*, de 29 de setembro de 1914: «os técnicos são d'opinião que os Allemães só com uma perda de 100:000 homens e 600:000 feridos podem tomar Antuérpia; os Allemães sabem o que isto significa porque toda a região está semeada d'espões; mas como não podem retroceder, resolveram-se a tentar a aventura apesar d'aquellas perdas previstas». Era essa a opinião dos técnicos, quer dizer, dos profissionaes inglezes — note-se bem. Volta, em 11 d'outubro seguinte, a escrever o mesmo *Times*: «Antuérpia não correspondeu ás esperanças depostas n'ella, porque os fortes permanentes, nos logares mais expostos, não tinham probabilidade alguma (de resistir, subntende-se) em face da artilharia moderna: se uma guarnição allemã occupasse a cidadella e nós a sitiássemos, o resultado seria o mesmo, tendo a artilharia pezada necessária.» Pergunta, com graça, o auctor do artigo: «Em que ficamos?» Os militares inglezes não se deviam, com effeito, sentir muito á vontade na posição que o *Times* lhes creou.

Tracta-se aqui, porém, d'um caso inoffensivo, d'uma previsão errónea e desastrada d'uns técnicos anónimos, sem influencia duradoura, e cujo maior inconveniente consistiria em suscitar esperanças illusórias na opinião nacional, e levar a opinião estrangeira a fazer um conceito injusto da competência profissional dos «technicos» a quem o jornal londrino a attribuía. Era, sem duvida, o que se chama escolasticamente em Portugal um *estenderete*, do *Times* e da censura, visto o desapontamento público imposto pelos factos ás esperanças suggeridas; no emtanto sem consequências de maior, por se tratar d'um mero episódio da guerra.

Imagine-se agora que se tracta d'um acontecimento que apasiona o Mundo inteiro, e da opinião d'uma per-



sonalidade que todo o Mundo conhece e aprecia: poderá ser indiferente que uma opinião d'esse pèzo nos seja sequestrada, ou nos ehegue fragmentariamente ou transformada? A invasão da Bélgica foi para nós sempre um facto sem explicação sufficiente. Conhecíamos, pela correspondência official ingleza (Doc. n.º 159), a história do «boceado de papel»; concordávamos em que uma grave infracção de direito público internacional se commettera; achamos sempre que a violência, pelo que á Allemanha se refere, se apresentava tão manifesta e sem reboço que, pelo que nos eonsta, nunca foi por ella contestada; comprehendíamos a eeleuma universal que se levantou em torno d'ella; não extranhámos até a vehemência dos protestos das Potências garantidas da neutralidade d'esse pequeno paiz, comquanto a sua sinceridade e desinteresse fossem bastante realçados se, ao menos por parte da Inglaterra, «em termos mais sóbrios» se tivessem redigido ou proferido, conforme *sir* M. de Bunsen s'expressia na conversa com o embaixador allemão em Vienna a propósito do *ultimatum* austriaco á Servia. O que nunca foi para nós muito claro foi o como, queremos dizer, o complexo das circumstâncias, actuaes e precedentes, da violação da neutralidade, e da attitude irreductivel que desde logo assumiu a Inglaterra. Pareceu-nos sempre que esse escândalo mundial — chamemos-lhe assim — era um pouco mais difficil d'intender, e sobretudo de julgar, do que muito boa gente imaginava, ainda que só á face da documentação que o Governo inglez fez circular, — eomo, tampouco, não mais simples comprehender a conducta, anterior e actual, d'esse e dos outros Governos interessados na questão. É provavel que esta obscuridade resultasse de não termos podido obter os Livros Brancos publicados por cada um d'esses Governos, e particularmente o próprio texto da *Conferência de Londres*, em 1831, que estabelecia a independência da Bélgica e a declarava um Estado neutro.

Era, pois, viva a nossa curiosidade em saber pela leitura dos jornaes o juizo que personagens de tomo no mundo diplomático e político se formavam quer da necessidade occasional, quer da legitimidade restrictamente jurídica do facto. A impressão que então colhemos foi que todos esses personagens «consideraveis», como diria o Eça de Queiroz, o reprovavam *in limine*, e o estygmatisavam sem a mais leve attenuante. Sobre o segundo aspecto da questão o nosso insignificante parecer ia, sem hesitações, para o lado d'esses homens de reconhecida auctoridade e d'uma boa-fé que tudo nos levava a suppôr indiscutível. A nossa hesitação versava particularmente sobre o primeiro. Não obstante, como pelas transcripções que os jornaes iam fazendo colligíamos que todo esse mundo da política e da diplomacia se mostrava notavelmente uniforme em verberar com indignação o attentado nunca visto, acabamos por transferir para outros assumptos a nossa attenção e o nosso interesse, e por bem pouco nos não deixamos ir n'essa corrente opiniativa impetuosa.

Calcule-se por isto a surpresa que sentimos ao apurar que havia alguém, e alguém que era capaz d'elaborar opinião, escrupulosamente reflectida, sobre um caso d'excepcional transcêndencia, e já tivera e podia tornar a ter as responsabilidades do poder n'uma grande nação civilisada; que — n'uma palavra — o sr. Roosevelt, ex-presidente da república dos Estados-Unidos norteamericanos, tido por um partidário fervente dos Allados se bem nos lembra, emittia várias reservas á justiça absoluta do alarido que, a respeito da violência feita ao pequeno e heroico povo, os órgãos mundiaes desencadearam, e os Governos das nações garantes, pelo exemplo e pela censura, teriam andado bem se deixassem correr em «termos sóbrios». Vêem na revista de New-York *The Outlook* (cujo número o articulista da citada *Revista* de Buenos Aires, por frequente descuido

nos escriptores, não cita) essas reservas do estadista e escriptor da Norte-América, n'um dos estudos que faz sobre «*a guerra mundial: as suas tragédias e as suas lições*». Traduzimol-as da nota a pag. 396 ao artigo do sr. Quesada: «...quando uma grande nação lucta pela sua existência, os direitos das Potências neutraes não podem ser tidos em mais conta do que os direitos dos seus próprios cidadãos, já que estes direitos são garantidos em tempo de paz e que tudo tem de se dobrar ante a suprema lei da conservação nacional: a conducta da Inglaterra, a respeito da Dinamarca nas guerras napoleónicas, e a conducta da Inglaterra e da França, a nosso respeito durante aquellas mesmas guerras, só tal justificação admittem; e, com menos desculpa, igual foi tambem a nossa conducta, ha proximamente um século, a respeito da Hespanha na Flórida. Não expresso juizos n'uma ou n'outra forma sobre a Allemanha pelo que fez á Bélgica... Quando uma nação presente que o resultado d'um conflicto, no qual, por uma razão qualquer, se acha involvida, será a vida ou a morte nacional, é inevitavel que deve proceder de forma a livrar-se da morte e a perpetuar a sua vida; o que aconteceu á Bélgica é precisamente o que nos acontecerá a nós em condições semelhantes: se qualquer Potência militar do velho mundo, europeia ou asiática, se visse involta n'uma guerra e o julgasse necessário e seguro, apoderar-se-hia, na occasião, do canal de Panamá ou das Índias occidentaes dinamarquezas ou hoilandezas, ou da bahia da Magdalena, exactamente como a Bélgica e o Luxemburgo foram occupados pela Allemanha, como a Coréa foi tomada pelo Japão. O justo e injusto d'estes casos, em que as nações violam as normas da moralidade abstracta para attender ás suas necessidades vitales, só é possivel deslindarem-se quando todos os factos são conhecidos, e o estado d'ànimo dos homens serenou». Ao que o escriptor argentino faz o seguinte

commentário singelo: Palabras de oro son estas que convendría tuviera em cuenta más de un periodista rioplatense».

A nossa surpresa não estava, propriamente, na co-participação d'uma personalidade eminente n'uma apreciação que tínhamos feito, e que de resto occorreria a qualquer espírito imparcial; estava sobretudo no facto de só tão fóra de tempo, e por um mero acaso, a conhecermos. Foram este e outros accidentes análogos que nos compelliram a examinar um pouco a singular situação creada aos impérios centraes, e simultaneamente ás minorias cultas e á opinião pública imparcial dos países neutros, pela acção combinada, expressa ou tacitamente, d'um periodismo tendencioso ou declaradamente faccioso, com uma censura apprehensiva, e mais do que convinha aos interesses a guardar, esquecida ou ignorante da História, e imprevidente do que poderia ainda succeder. Não é que deneguemos ao periodismo e á censura o direito, áquelle, de sustentar uma certa causa, a esta, d'impedir quanto pela publicidade sem limitação a possa pôr em risco. O que pretendemos, nas linhas que temos vindo consagrando ao assumpto, foi accentuar o modo ora excessivo ora inhabil como exercitaram esse direito, isto é, como cada uma, desde o principio da guerra, se desempenhou das funcções que lhes estão naturalmente commettidas em todas as conjuncturas anormaes.

Ora, pelas razões que a pag. 17 s'expuzeram em resumo, o effeito sobre as maiorias impressionaveis e crédulas, que era dispol-as favoravelmente ao partido dos Alliados, conseguiu-se, não ha dúvida, quer na Europa quer na América; como tambem se conseguiu dispôr as minorias illustradas nos dous mundos, alheias a predilecções sectárias e a opiniões preconcebidas.

Mas: com efficácia real, só nos primeiros mezes da lucta, quando o télégrapho terrestre e marítimo, e

as agências ou correspondentes a que fizemos referência, eram os informadores exclusivos, ou quasi, a que a massa dos leitores recorria para acompanhar as peripécias do grande drama, e quando a excitação geral dos espíritos não permittia lêr os despachos e noticiários da guerra com algum discernimento, nem consultar serenamente outras fontes d'informação. Porque, mais tarde, graças ao desmentido imposto a muitos pseudo-factos e informes, ao protrahimento d'um conflicto que se cria terminar em poucos mezes, á organização, embora precária, d'uma propaganda e informação antagonistas por jornaes e radiogrammas, á instabilidade do sentimento nas multidões, que a imprensa alliadóphila não tomou em linha de conta em tempo util, a infracções incontestaveis do direito público internacional admittido que essa imprensa e o grupo da Quádrupla diziam defender, e principalmente á recuperação de sangue frio, — as minorias dos paizes neutraes entraram a vêr por outro prisma, e as próprias multidões a substituir á credulidade e alvoroço das primeiras horas um scepticismo racionador a que as julgaríamos absolutamente refractárias.

Registe-se, por incidente, que eis ahi mais uma das vantagens que a formidavel hecatombe tem trazido: educar nas multidões, por esse Mundo além, na Europa em especial, o senso crítico embryonário ou adormecido na rotina monótona da paz. Não queremos com isto insinuar que os impérios do Centro adquiriram partidários, muito menos á custa da clientela enthusiástica da Quádrupla; mas que se deixou d'acreditar que todos os maleficios e revezes estavam só d'um mesmo lado, e do outro os beneficios e as vantagens, e que na opinião pública, em geral, dos paizes neutros começaram a sobre-pôr-se, aos impulsos sentimentacs determinativos de attitude, motivos um pouco mais racionaes e mesmo de character limpidamente utilitário. Ha não sabemos quan-



tos mezes já que o lemma estereotypado — defeza da civilisação, da liberdade, da justiça e do direito — deixou de se agitar nos artigos e nos discursos, pelo menos com a insistência inflamada d'outr'ora, se tem gradualmente restringido, com maior parcimónia e mais modéstia. ao da defeza da civilisação latina, e de vez em quando, da liberdade e da justiça. Note-se ainda que a essas preocupações humanitárias apparentes, e no emtanto só abstractas, succederam, e francamente se confessam, preocupações comezinhamente positivas de natureza commercial, financeira e económica; de sorte que o pavoroso cataclysmo que parecia haver sido só originado por generosos ideaes d'aperfeiçoamento moral e jurídico da espécie promette converter-se dentro em pouco n'um grosseiro e sanguinolento debate sobre quem ha de vender amanhã nos grandes mercados do Globo mais tecidos e mais ferros, ou como s'expressava o atilado observador da *Revista* de que fallamos, em «una mezquina *guerre de boutique*».

Motivos e aspirações d'ordem moral subsistem, claro; terminada a guerra, retomarão o seu império e serão provavelmente as principaes forças que hão de presidir na Europa ás suas remodelações consecutivas. Na phase da lucta, que vem decorrendo, conservam-se no segundo plano, cedendo, nos domínios da publicidade ao menos, o principal logar ás aspirações e motivos de natureza quasi apenas económica. O bloqueio foi por certo, em grande parte, o promotor da mutação interessante. Mas não o seriam tambem a fadiga das multidões, já insensíveis ao repizar da mesma phraseologia altisonante, e a necessidade em converter os incrédulos sobre o poder e a exempção dos Alliados por argumentos um pouco menos vagos e sonoros, e muito mais em relação com as realidades materiaes da vida — condição constante e imprescindível de toda a nossa existência espirital, *humus* talvez grosseiro, mas

indispensavel, onde todo o nosso idealismo carece de mergulhar as suas ridiculas vivazes?

Como quer que seja, a catechese sentimental não se traduziu nos paizes neutros por uma collaboração effectiva na direcção que se desejava; talvez que o appêlo a mais substanciosos argumentos demonstrasse outro poder persuasivo. Talvez que o ardor pela civilisação ameaçada e a cólera pelo direito violado valessem menos, para o effeito requerido, do que a seducção pelo grande lucro em perspectiva e o medo pelas represálias económicas. A emotividade das turbas não produzira o que d'ahi s'esperava; talvez que o utilitarismo burguez conduzisse a resultado mais tangivel. Provar que se tinha razão não bastou; provar-se-hia que se tinha igualmente o poder, o económico e financeiro desde já, e por conseguinte mais tarde ou mais cedo o militar.

Seria este o projecto das Potências alliadas apertando cada vez mais o bloqueio marítimo, e completando, pela retenção ou a censura da correspondência e dos impressos, o bloqueio telegráfico?

Se foi, concordemos em que estavam no seu plenissimo direito. resalvados os direitos dos neutros que sempre se declarou defender e respeitar. Mas, fosse ou não fosse—e é no que as rápidas reflexões feitas se ligam ao que vínhamos dizendo—o certo é que hoje os impérios do Centro estão submettidos a um regimen d'incommunicabilidade que só a radiographia e alguma informação subreptícia e avulsa podem, imperfeitamente comtudo, attenuar; que, pelo que respeita a sucessos militares, ainda conseguimos, pela comparação de todos os comunicados officiaes em consequência do serviço radiográfico por via Nauen-Madrid, formular juízo approximado; que, relativamente porém a todos os outros assumptos sobre que importava possuir informações o mais possivel abundantes e authênticas, nos



achamos reduzidos ao que imprensa e telegraphia dos Alliados queiram deixar correr, ou possa deslizar despercebido. As difficuldades que de tal situação resultam para uma crítica sem paixão e instructiva — ao leitor o avalial-as.

\*

\* \*

Definida claramente esta situação creada á crítica, passemos ás perguntas que é da praxe fazerem-se quando s'encontra um conhecido, ou que faz cada qual faz consigo mesmo. Será decisiva a phase em que parece haver entrado a lucta dos exércitos? No caso affirmativo, terminará pela victória dos Alliados?

Como preliminar, evoquemos alguns factos. Até á recente offensiva austro-húngara (cêrca de 15 de maio último) na fronteira do Trentino, a iniciativa das operações militares, queremos dizer a escolha da frente e do momento d'ataque, tem pertencido, em regra, ao bloco dos impérios, e tem sido, em geral, bem succedida. Tem-se allegado, para explicação d'essa iniciativa e d'esse êxito, motivos vários: superioridade d'effectivos, longa preparação, abundância de munições; e tem-se por vezes contestado o valor d'essas victórias. Deixar dizer quem os allega e o contesta. Por alguma cousa se vence, por alguma cousa se é vencido. Por differenças na capacidade do commando, na organização e disciplina das tropas, na quantidade e qualidade do material, no número e experiência dos soldados, ou na disposição moral dos combatentes, e até, se quizerem, por incidentes imprevistos do recontro, o certo é que durante perto de dous annos de guerra as maiores vantagens militares téem cabido ao bloco dos impérios, os revezes principaes ao grupo alliado.

Allega-se ainda que essas vantagens são apenas

fictícias, quando muito passageiras, poisque nenhum dos objectivos visados se alcançou. Alguns, por certo: por ex., a tomada de Paris e a conquista do littoral norte da França; outros foram no, porém, tanto quanto nos é permittido avaliar das intenções do alto commando allemão e austro-húngaro, desde a occupação da Bélgica e da zona do território francez que tudo nos leva a crêr que fosse anteriormente demarcada, até á da Polónia e da maior parte da península dos Balkans. São victórias que não conduziram a resultado decisivo, nem conseguiram abreviar sequer o fim da guerra? D'accôrdo; mas são victórias em linguagem militar, a não ser que lhe alteremos o sentido corrente; e seriam sempre vantagens, qualquer que seja a attenuante a introduzir na significação que a palavra victória tem até hoje recebido, desde que as invasões não foram por'ora recalçadas, e largos tractos de território inimigo se téem mantido, pois, na posse incontestavel dos invasores. São vantajens coincidentes com revezes parciaes? D'accôrdo ainda; mas o que importa notar é que ultrapassam os revezes soffridos, que aliás ninguem se lembraria de negar, constituindo, no conjuncto das linhas, uma superioridade militar que se vem impondo ao grupo adversário, e que subordina e difficulta a offensiva que este entenda promover.

Por parte dos Alliados, as iniciativas d'ataque, desde o principio da lucta, foram estas: a do Marne, bem succedida n'esta zona, abortada no fim do mez (setembro de 1914) d'encontro ao Aisne, onde os Allemaes se tinham entrincheirado; a da Prússia oriental e da Galicia, igualmente feliz por alguns mezes, abstrahindo de fluctuações inevitaveis, e frustrada porfim com o retrocesso contínuo do invasor desde a Galicia occidental até á extensa fronte que vai da Bukovina até á Curlândia; a de Gallipoli e Dardanellos que ficou, por assim dizer, embryonária, e se gorou

definitivamente nos primeiros dias de janeiro passado pela evacuação da península pelos Anglo-francezes; outras ainda de menor envergadura, na frente oriental e occidental, sustadas quasi logo ao irromperem, e que nenhuma brecha apreciavel abriram na muralha dos entrincheiramentos inimigos.

Prodigalisam-se as razões justificativas d'estes cheques. Não possuímos auctoridade para discutir essas razões, de resto interessantes, e até mesmo imprescindiveis, para intelligência completa da campanha. Achamos só que nada provam contra as leves reflexões que vimos de fazer. Por alguma cousa se vence, por alguma cousa se é vencido. Não põem nos dúvida em reconhecer, além disso, que victória e revez são conceitos relativos, como por vezes são apenas parcellares e passageiros; que ha victórias que não testemunham necessariamente a superioridade profissional do vencedor, como ha revezes que não só não depõem n'um sentido qualquer contra o vencido, mas até o glorificam e o podem tornar, por vezes, digno de inveja.

Apontamos sómente factos, por só elles interessarem ao que temos que dizer; e os factos que nos hão de servir ao intuito são, em escorço largo, o que vimos d'affirmar: antes da grande offensiva, iniciada pelos Russos a 2 de junho (parece), pelos Italianos cêrca do meiado d'esse mez e pelos Anglo-francezes no dia 1 do mez de julho corrente, o vencedor, na significação relativa do termo, era o grupo austro-alemão, e do seu lado se mantinham, descontados os revezes do estylo, todas as vantagens militares, intendidas na dupla accepção de resultados susceptiveis d'influir favoravelmente na prosecução e desfecho da lucta, e d'argumentos a utilizar quando a paz se negocie. Como não consta haverem occorrido incidentes imprevistos que explicassem esses êxitos, lógico será attribui-los ao cunjuncto d'elementos que, no ponto de vista profissio-

nal, estabelecem a superioridade d'um exército, e garantem a fortuna d'uma campanha.

Tem-se a isto objectado: os Russos retiraram só por falta de munições. Replica-se: primeiro, os Russos não conseguiram realizar o objectivo da invasão, que era, senão atingil-as, ameaçar seriamente Berlim, Vienna ou Budapest, nem sequer conservar-se no terreno que, por volta de fevereiro de 1915, tinham conquistado; segundo, os Russos recuaram, e abandonaram a Polónia e a Curlândia porque a isso foram compelidos, e não por necessidade de irem ao «encontro de munições», que mais facil e mais seguro seria levar ao encontro d'elles, nem por mudarem o primitivo por outro plano estratégico que lhes tirava a poderosa linha do Vistula e as suas numerosas fortalezas da fronteira; os Russos retrocederam porque não estavam preparados para resistir ao inimigo, como a própria deficiência de munições — a ser verídica, e que foi de resto contestada por Hindenburgo, e se concilia com effeito muito mal com as grandes provisões d'ella — que s'encontraram n'aquellas fortalezas fronteiriças — o provaria cabalmente. Não é provavel que, em poucos mezes de guerra, se vissem na penúria de munições que tão confiadamente se afirma; menos provavel se torna a concepção d'um novo plano estratégico que deixa nas mãos do inimigo uma arma de tão excepcional importância politica e militar como a Polónia, e as preciosas linhas de defeza do Bug, o Vístula, o Narew e o Niemen, com os seus doze ou mais recintos que guardavam a fronteira, desde Rovno até Vilna. Admittendo porém que as munições contribuíram para o desastre que se procura cohonestar, a sua carência, pouco mais de seis mezes depois da abertura da campanha, demonstraria, pelo menos, uma singular imprevisão, por parte do commando russo, das condições em que a lucta ia travar-se, por consequência a sua inferiori-

dade, e a do exército que lhe corria a obrigação de preparar com anteceddência, relativamente ao commando e ao exército inimigos. Por alguma cousa se vence, por cousa alguma se é vencido.

Continua a objectar-se: os Franco-inglezes cederam o campo desde Mons-Charleroi por numericamente inferiores, e virem ao encontro das suas reservas reunidas atraz do Marne.

Replica-se: tracta-se aqui de factos averiguados, ou de meras inferências? Se de factos, não se nos tem deparado um só testemunho indubitavel que os abone. Relatórios officiaes do commando allemão, não os vimos, e suppomos que ninguem os viu em Portugal; do alto commando francez vimos, como toda a gente em Portugal suppomos ainda, os breves communicados inseridos nos jornaes; conhecemos só, pela sua leitura repetida, os relatórios do marechal French ao seu Governo relativos aos successos militares desde Mons-Charleroi até ao Aisne, constituindo a documentação fidedigna mais completa de que dispomos sobre o assumpto. É certo affirmar-se ahí a inferioridade nos effectivos, mas apenas nos effectivos inglezes; sobre effectivos francezes não lemos ahí uma única palavra.

Deve tratar-se, pois, de meras inferências nas objecções acima formuladas. O revez de Mons-Charleroi seria, assim, devido unicamente á inferioridade numerica do exército francez relativamente ao allemão, apesar dos contingentes distrahidos por este em seguimento dos Belgas e para a invasão ulterior do respectivo territorio. Quer dizer: não se parte d'um facto estabelecido para explicar um revez incontestado; parte-se da indisputabilidade do revez para estabelecer a veracidade d'um facto que é simplesmente verosimil. É um vicio de lógica, um verdadeiro paralogismo, em que não vale a pena repizar.

Em que data foi declarada a guerra entre a França



e a Allemanha? A 2 d'agosto. Em que data se perdeu a batalha de Mons-Charleroi? A 23: 21 dias, portanto, depois d'aquelle rompimento. Se o commando francez tinha a previsão e a competência que os auctores do reparo lhe attribuem, difficilmente se poderá conciliar com ellas a ausência na fronteira da França, depois de transcurros 21 dias, d'effectivos sufficientes para sustar a invasão. E a única inferência, favoravel aos auctores da objecção, a tirar d'esta falta d'effectivos era que o commando francez se propuzera não repellir, nem sequer conter os Allemães na linha do Sambre, mas attrahil-os á do Marne, onde propositadamente accumulara as reservas que haviam d'egualar em número o seu exército ao do invasor, e derrotal os n'essa zona, depois de os ter fatigado e enfraquecido. Tratar-se-hia, pois, aqui d'uma retirada fingida, d'um recuo apenas estratégico, destinado a escolher o que se costuma denominar o *seu* terreno. Deixemos as objecções, de resto palpaveis, que uma tal interpretação suggere ao espirito mais alheio á história militar, para perguntarmos só a quem a defende: onde os factos que a tornam plausivel? A não haver a certeza absoluta de que o inimigo ia ser desbaratado na região onde se havia préviamente disposto as reservas, qual general ou commando se lembrariam de franquear o seu paiz a uma invasão, com perigo, como no caso sujeito occorreu apesar da victória do Marne, de tão cedo o não conseguir expulsar d'elle?

Mas a interpretação combatida por nós suppõe ainda que o general francez deliberara, com effecto, escolher a zona do sul do Marne, e nenhuma outra, para a batalha de qu'esperava sahir victorioso. Onde se colheu os dados que justificam, não dizemos uma resolução que não vimos officialmente affirmada em parte alguma, uma conclusão de tanta importancia? Quer-nos parecer que esta conclusão, em vez de auctorisada, é desmentida pelos únicos dados officiaes que desinvolidamente se

relacionam com esse ponto interessantíssimo. Vêem no relatório do marechal French, de 17 de outubro de 1914. São os seguintes, que vão em notas no original inglês, e com as passagens que nos interessam sublinhadas.

A 3 de setembro, estava o exército britânico ao sul do Marne entre Lagny e Signy-Signets; e French recebia de Joffre dous pedidos: defender as passagens da ribeira o mais tempo que fosse possível, e fazer saltar as pontes; continuar a retirada para cêrca de 12 milhas á rectaguarda da posição que estava occupando, «no intuito de attingir uma segunda posição atraz do Sena». (1)

A 5 de setembro, um sábbado, French vai ter com Joffre, a pedido d'este, que o informa da sua intenção de tomar desde logo a offensiva, por julgar muito propicias as condições para um feliz êxito (2). Em consequência do quê se tomaram, de commum accôrdo, as disposições militares convenientes para uma cooperação das forças inglezas e francezas, de que adeante se fallará.

É, pois, seguro que na primeira d'estas datas Joffre não só não pensava em atacar, mas achava provavel ter que retroceder para traz do Sena; por con-

---

(1) «On September 3rd the British Forces were in position south of the Marne between Lagny and Signy-Signets. Up to this time I had been requested by General Joffre to defend the passages of the river as long as possible, and to blow up the bridges in my front. After I had made the necessary dispositions, and the destruction of the bridges had been effected. I was asked by the French Commander-in-Chief to continue my retirement to a point some 12 miles in rear of the position I then occupied, with a view to taking up a second position behind the Seine. This retirement was duly carried out.» (*Morning Post*, 19 oct. 1914).

(2) «On Saturday, September 5th, I met the French Commander-in-Chief at his request, and he informed me of his intention to take offensive forthwith, as he considered conditions were very favourable to success.» (Ib.)

seguinte, que um seu propósito antecipado d'uma offensiva no Marne é simplesmente uma asserção de certos criticos a que se não acha sombra de fundamento. Mas é egualmente seguro que sobresteve n'aquella primeira resolução de proseguir na retirada, e lhe substituiu, a 5, a de investir com os Allemães. N'esse intervallo de dous dias occorreu, portanto, o que quer que fosse para que Joffre alterasse tão completamente os seus planos. Que seria? Certamente, o que French archiva no seu relatório, algumas linhas abaixo:

«Por volta de 3 de setembro o inimigo parece ter mudado os seus planos, e resolvido suster o seu avanço para o sul directamente sobre Paris». Repare-se em que French não affirma, diz só que *parece*, haver o commando allemão desistido d'esta marcha; e a esta prudente reserva do communicado inglez alludimos no nosso opúsculo «*A Guerra*», contrapondo-a ao desembaraço com que diversos articulistas, profissionaes segundo crêmos, nos garantiam que essa mudança de plano, dubitativa para o general inglez, resultara da coacção exercida sobre o invasor pelo exército alliado. Pela transcripção, feita acima, do pedido feito por Joffre ao marechal French no dia 3, avalie-se do escrúpulo com que s'escreve sobre questões complexas, e que ainda por cima apaixonam fundamente a opinião.

Continua o relatório; «porque a 4 de setembro reconhecimentos aéreos mostraram que muitas columnas (inimigas) se moviam na direcção do sueste, a leste em geral d'uma linha tirada de Nanteuil para Lizy sobre o Ourcq» (1). Não se falla aqui em pressão al-

---

(1) About the 3rd September the enemy appears to have changed his plans and to have determined to stop his advance south direct upon Paris; for on the 4th September air reconnaissances showed that his main columns were moving in a south-easterly direction generally east of a line drawn through Nanteuil and Lizy on the Ourcq. (Ib.)

guma dos Anglo-francezes, nem de qualquer outra resistência intencional determinativas d'esta inflexão d'itinerário.

Mas prosegue a narrativa de French: «A 5 de setembro observou-se que várias d'estas columnas tinham atravessado o Marne; enquanto as tropas allemãs que se tinham observado em movimento para sueste a 4, na margem esquerda do Ourcq, havia agora noticias de que tinham feito alto fazendo face áquelle rio» (1). Era isto a 5 de setembro, no dia em que Joffre communicou a French o seu propósito de tomar a offensiva, pelas circumstâncias lhe parecerem favoraveis — convem notar; e note-se mais que não ha ainda n'este trecho do relatório uma só palavra que auctorisae a affirmação de que a uma iniciativa dos Alliados, e não a resolução espontânea do commando inimigo, se devem os movimentos militares aqui descriptos. Pelo contrário: lendo-se com attenção todas as passagens do relato, que temos vindo transcrevendo, a inferência a tirar d'ellas é que as operações militares nos dous campos adversos, realisadas até 5 de setembro, estiveram sempre subordinadas ao plano dos Allemães, incluindo pois a mudança introduzida no dia 3, que o marechal French conjectura. Do dia 5 em deante, o caso é outro: os Allemães deixam de ter a palavra, que passa aos Anglo-francezes. Vamos vêr isto confirmado por outros testemunhos do documento.

N'aquelle dia 5, com effeito, notados os movimentos que o inimigo, *sponte sua*, realisa sobre o Marne e sobre o Ourcq, seu pequeno affluente pela direita, Joffre annuncia a French «a sua intenção de fazer

---

(1) «On the 5th September several of these columns were observed to have crossed the Marne; whilst Germans troops, which were observed moving south east up the left bank of the Ourcq on the 4th, were now reported to be halted and facing that river». (1b.)

rodar em torno ao Marne, como eixo, o flanco esquerdo do 6.º exército, ordenando-lhe que se dirigisse para o Ourcq, o transpuzesse e atacasse o 1.º exército allemão que s'estava então movendo para sueste, do lado oriental d'aquelle rio»; pede a French para «effectuar uma mudança de frente na sua direita—com esta ala sobre o 5.º exército, e a esquerda sobre o Marne—preenchendo a lacuna que havia entre esse e o 6.º exército»; e para cooperar «na offensiva geral avançando contra o inimigo na sua frente». N'esse dia—intendamo-nos—deu o general francez as suas ordens, isto é, communicou aos chefes d'exército as instrucções que vimos d'extractar do relatório. Quanto á sua execução eis o que ahi lemos a seguir: «Estes movimentos combinados effectivaram-se (á letra: principiaram realmente) no domingo, 6 de setembro, ao sol nascente» (1); abrindo-se então a grande batalha, n'uma frente que s'estirava desde Ermenonville, em frente do flanco esquerdo do 6.º exército francez, até ao norte da fortaleza de Verdun. E, pois, claro que as marchas e attitude das tropas allemãs nos dias 3, 4 e 5 de setembro, até á marcha do dia 6, obedeciam a um pensamento próprio, a um plano qualquer desconhecido, pelo menos não indicado n'este ou n'outro documento official de que tenhamos conhecimento, e não a uma pressão dos Alliados nem a obstáculo ou incidente que inesperadamente lhe frustrasse a execução; e que Joffre só reconsidera sobre a primeira intenção de continuar a retirada, e resolve a offensiva quando vê probabilidades de victória, independentemente dos motivos que levaram o inimigo a adoptar as novas disposições mencionadas no relatório. Para que se fique tambem

---

(1) «These combined movements practically commenced on Sunday, September 6th, at sunrise». (Ib.)



sabendo que estas novas disposições não se tomaram em virtude de qualquer prevista ameaça do exército aliado, bastará traduzir o que o general inglez escreve a esse propósito :

«Penso ter sido por volta do meio-dia de 6 de setembro, depois que as forças britânicas tinham mudado a sua frente á direita, occupando a linha Jouy—Le Chatel-Faremoutiers—Villeneuve Le Comte, e se tornara apparente o avanço do 6º exército francez ao norte do Marne para o Ourcq, que o inimigo se deu conta da poderosa ameaça que s'estava fazendo contra o flanco das suas columnas em movimento para sueste, e começou a grande retirada que abriu a batalha acima referida». (1) Repararam? Segundo French julgou, foi só por volta do meio-dia de 6 que o inimigo se «apercebeu da poderosa» offensiva que s'estava delineando contra elle; por conseguinte, não reconheciam essa preocupação os movimentos que vinha executando. Qual seria ella não nos diz o relatório, nem mesmo a título só de conjectura. Se tomássemos á letra a passagem que transcrevemos, seríamos tentados a suppôr que os Allemães tinham com effeito desistido, ao menos por'ora, do investimento de Paris, e tomavam, muito simplesmente, as suas disposições para retroceder em boa ordem; visto nos affirmar French, nas últimas linhas, que elles «princiariam a grande retirada que abriu a batalha acima referida». Não diz que foi a grande batalha em perspectiva que os forçou á retirada; diz, ou parece

---

(1) *It should conceive it to have been about noon on the 6th September, after the British Forces had changed their front to the right and occupied the Jouy—Le Chatel-Faremoutiers—Villeneuve Le Comte, and the advance of the 6th French army north of the Marne towards Ourcq became apparent, that the enemy realised the powerful threat that was being made against the flank of his columns moving south-east, and began the great retreat which opened the battle above referred to.* (1b.)

dizer, que foi esta retirada que determinou essa batalha. Outra seria a redacção da passagem que se discute se French quizesse exprimir n'ella aquella opiniao; seria esta, por ex..., *the great retreat imposed by the battle above referred to*. O facto de os Allemães horem transposto o Marne, a 4 e 5 d'esse mez, não prova que não tivessem já, desde o dia anterior, a intenção de retirar; porque uma das manobras mais frequentes para cobrir uma operação tão difficil e arriscada, principalmente quando succede a um avanço audacioso e até ahi bem succedido, consiste precisamente em simular que se prosegue na offensiva. O mérito de Joffre estaria sobretudo, se a nossa conjectura é razoavel, em descortinar as verdadeiras intenções do inimigo ao receber (a 4) a noticia dos movimentos d'elle para sueste, e n'essa hypóthese, corroborada a seus olhos talvez pela insistência dos Allemães, no dia 5, em atravessarem o Marne fazendo porém uma alta sobre o Ourcq, em ir dispondo as suas tropas para atacar no momento em que estas forças do Ourcq proseguissem (a 6) para sueste a marcha interrompida, conforme se deduz do último trecho que transcrevemos do relatório.

Pode considerar-se extraordinário, por esse cálculo, o mérito de Joffre? Não nos parece. Gallieni, Castelnau, outro dos bons generaes que s'encontram no exército francez, teriam feito a mesma cousa. Resultará, sequer, que o commando allemão não esteve á altura do seu papel? Para isso tornava-se, além d'equitativo, indispensavel demonstrar, com factos e raciocinios e não apenas com palavras e conjecturas d'inconsistência lastimosa, que ou havia um propósito de retirada e foi mal executado, ou o de continuar na offensiva e não houve nem sciência nem arte, como é uso dizer-se, para lhe proporcionar as condições de bom éxito. Que nos conste, foi esta demonstração que

nunca se deu. A única inferência defensável a tirar dos documentos conhecidos, no que toca a esse ponto delicado, vem a ser que a suspensão do movimento invasor foi resolvida espontaneamente, — e nada mais. Se resultou de qualquer incidente imprevisível, e que de prompto não podia ser remediado, se d'um «erro de concepção ou d'execução» como no opusculo «*A situação militar europeia*» suggerimos, é problema que o mais elementar espírito d'equidade e probidade manda pôr de lado por'ora, desde que nem o mais authentic e desinvolvido documento de que dispomos sobre o assumpto nos permite o exame d'elle.

O que não soffre a menor dúvida — e para a dissipar de todo em quem a tivesse é que appellamos para o testemunho d'um official que tomou parte na batalha, e que vale pois um pouco mais, como auctoridade, do que estrategistas improvisados de redações — é que os motivos allegados para exaltar os Alliados e deprimir os Allemaes não acham o menor argumento sério em que se fundem; que a deficiência d'effectivos franco-inglezes na front'ira, ao dar-se o choque inicial de Mons-Charleroi, não está provada, nem é mesmo verosimil; que a sua sufficiência provavel, por honra até do alto commando francez, nada tem d'incompativel com a accumulção prévia d' reservas no Marne, e n'outros pontos do trajecto na previsto de retirada, por ser essa uma precaução elementar para cobrir as perdas soffridas e obstar a que um movimento estratégico viesse a tornar-se em derrota; que Joffre ordenara a continuação d'esse movimento de recuo para aquém do Marne, e contava proseguir n'elle para traz do Sena, conforme claramente provamos; que, por consequência, a batalha do Marne não se deve a nenhum plano seu antecipado, conforme se tem leviamente feito acreditar, mas a uma alteração do que o inimigo vinha pondo em obra desde a batalha da fronteira, e que, de resto, jamais ninguem contestou que fosse habilmente

aproveitada pelo general em chefe do exército anglo-francez.

Esperamos que se nos releve o desinvolvimento que viemos dando a um assumpto restricto no plano geral que nos propozemos n'este opúsculo. Assim se tornava imprescindivel. O acontecimento, se considerado em si mesmo não se pode qualificar como revelador de obstáculos nunca vistos e de geniaes dotes de commando, terá de figurar, comtudo, entre os mais transcendentos e notaveis pelas consequências a que veio dar occasião. Sob este ponto de vista, não haverá talvez exaggêro algum em affirmar que é o maior dos acontecimentos militares de que a História nos transmittiu lembrança; e é, no emtanto, comparavel á meia dúzia de batalhas terrestres que, desde Marathona, téem decidido para largo tempo os destinos da Europa. Accresce que, afóra o que atraz colligimos e summariamos do precioso relato inglez, pouco sabemos das causas que produziram esse revez e essa victória; que pairam acêrca do grande facto muitas dúvidas; e que seria, pois, bém recebido todo o esforço imparcial para as remover, tanto quanto testemunhos irrecusaveis o permittem.

Mas se, por carência d'elementos de juizo sobre o que decorreu desde 3 a 5 de setembro, ainda se pode sustentar com vislumbres de verdade que a campanha da França nos seus aspectos militar e politico sahio, em parte, fruste, é impossivel affirmar, — e não tem havido pejo em martelar na affirmativa — que fruste igualmente sahio a campanha da Polónia. Se houve jamais campanha gigantesca e difficil d'ultimar; se houve, no passado e no presente, alguma que mais honre o vencedor e mais completamente realisasse o objectivo, politico e militar, que provavelmente a inspirou, é indubitavel que foi essa. Quiz-se expulsar os Russos dos territórios que invadiram, e expulsou-se; quiz-se infligir ao militarismo russo uma lição, vencendo-o e tirando-lhe por muito tempo

as velleidades aggressivas, infligiu-se-lhe e tirou-se-lhe. Porque se não foi a Petrogrado? — perguntavam críticos habeis, illudindo com a innocência do espanto a penúria dos argumentos. Pela mesma razão sensata porque não se foi a Moscow. Em que peze a todos os entusiastas da civilisação representada pelos Cossacos das esteppas, e apezar da autonomia generosamente outhorgada no momento do perigo a essa romántica Polónia, a Rússia, o colosso militar a que a Democracia franceza vinculou a sua sorte, foi vencida, e bem vencida; foi-o conforme em linguagem militar se diz que um povo o é; foi-o, porque o foi o seu exército; foi-o, porque nenhum éxito, comparavel ao do Marne, pôde contrapôr á investida que, desde cêrca de maio de 1915, continuamente a recalcou. E ter-se-hia então, sem dúvida, retirado da contenda e feito a paz, se o nunca sufficientemente decantado compromisso de Londres de 5 de setembro de 1914 lhe não viesse dar a segurança de que poderia contar, para satisfacção da sua áncia de desforra, com o heroísmo francez, com a riqueza, o poderio [naval e a obstinação da Inglaterra. Eis, em meia dúzia de palavras, o que valeu a campanha da Polónia. Lembra-nos bem ter um crítico militar inglez chamado, por setembro do anno findo, «grandes» aos estrategistas allemães que a dirigiram. Exaggêro? na penna d'um inglez, é duvidoso. Não vale o trabalho nem o tempo que nos levaria o exame, tomar a sério apreciações depreciativas da mais notavel empreza militar que assignalou esta guerra.

Pode legitimamente discutir-se as vantagens do seu progresso até novos limites que demarcassem o território conquistado; ou, pelo contrário, se não seria mais conveniente para intuitos defensivos não levar tão longe uma conquista que, pela extensão da sua fronteira provisória, immobilisava grandes contingentes e impunha a construcção d'immensa linha de trincheiras. Questão complicada, ao mesmo tempo, de Topographia e de Té-



chnica militar que só aos entendidos cabe resolver. O que porém nenhum crítico de boa-fé contestaria vem a ser as múltiplas e graves difficuldades que os invasores encontraram na execução do seu plano, e a maestria com que souberam dominal-as. É preciso não esquecer que a impetuosa maré russa tinha galgado até ao flanco norte dos Carpathos, desde as visinhanças de Cracóvia á fronteira da Rumania, e a Koenisberg na Prússia oriental; que tinha atraz de si, para pontos d'apoio formidaveis as linhas do Vístula (e dos seus affluentes Bug e Narew) e do Niemen, e uma cintura de fortificações que o inéxito anterior das investidas dos Allemães e Austro-húngaros parecia demonstrar que não era possível expugnarem-se; e que esse perigoso alastramento moscovita coincidia com a tenaz e forte pressão dos Anglo-francezes na frente occidental. E nem a violência da guerra n'este último theatro afrouxou, nem as perdas e revezes parciaes aqui soffridos, particularmente nos pertinazes e estereis esforços para transpôr o Iser e attingir o littoral francez em Calais ou em Boulogne, impediram, em principios do anno passado, a poderosa offensiva que reduziu a proporções exactas a famosa lenda do «cylindro russo» rolando lenta mas inexoravelmente no caminho de Vienna, e talvez no de Berlim. Comprehendemos bem que o orgulho moscovita, já soffrivelmente amolgado em Mukden pelos homens pequenos e vivazes que, segundo notícias de ha pouco, vão agora de braço dado com os seus inimigos de ha onze annos, se sentisse dolorosamente amarrotado por um revez que não admittia as attenuantes do primeiro. Mas attribuir o desagradavel precalço a diversos e futeis motivos, que de resto se não descortinou para explicar Mukden, porto Arthur, subversão e aprisionamento de quasi toda a esquadra russa, em vez de muito simplesmente á superioridade d'um inimigo europeu

d'alta estatura e d'olhos fendidos em plano horizontal, —lá nos parece um paradoxo assaz suspeito, e uma predilecção assaz forçada, como certo sorrir em certas máscaras, pelos feios bustos mongólicos que vimos outr'ora, em casa d'um amigo, a estragar uns magníficos jarrões de porcelana, authenticamente orientaes.

Pode, com motivos sérios, discutir-se ainda se a conquista ultimada em fins de setembro último, com a tomada de Vilna e o extremo avanço até perto das margens do histórico Beresina, estará bem segura nas mãos do conquistador; e se o famoso cylindro, que por largos oito mezes se conservara quasi immovel no sítio até onde se viu forçado a recuar, não retomou ha quasi dous mezes o movimento progressivo que o levará d'esta vez ás portas de Vienna. É possível: examinar-se-ha imparcialmente a previsão, que aliás tem occorrido a toda a gente. Por emquanto, limitemo-nos-hemos a fazer notar que essa possibilidade em nada attenua o mérito, ou antes, o altissimo e innegavel valor da campanha que se tem procurado deprimir. Zama não expungiu da memória dos homens Cannas e o lago Trazimeno, nem o génio do general carthaginez; Waterloo não apagou n'ella Marengo e Austerlitz, nem o génio militar do grande Corso. A conquista material perdeu-se; a glória do conquistador redobrou, talvez, de brilho. Sabe-se que houve um Scipião e um Zama, porque toda a gente sabe que houve Hannibal; Waterloo e Wellington perduram, porque perdura e perdurará Napoleão.

Ter-se vencido depois de se ter sido vencedor! A excepção d'Alexandre da Macedónia, e talvez porque a morte o levou cedo, foram-n'o em regra todos os grandes génios militares. E, comtudo, em que é que esse epilogo banal da vida das mais eminentes individualidades da História, generaes, estadistas, combatentes de toda a espécie, até homens de Sciência e pensa-

dores, lhes atacanha a estatura, e desvanece a viva recordação da obra que deixaram? Ser-se vencido, e sel-o precisamente por mediocres,— quem ignora que é essa geralmente a sorte que os grandes homens receberam dos serviços que prestaram, ou das arrojadas iniciativas que tiveram, por ser esse o inevitavel tributo que a sua superioridade carece, para ser perdoada, de render á mediocridade obscura que em torno d'elles zumbe e se agita, intolerante, ciúmenta, vingativa, niveladora? Ser-se vencido, mas sel-o depois de ter o mundo inteiro contra si, como Napoleão e a França em 1815; mas sel-o depois que triumphalmente se affirmou que se vale muito mais do que a espessa alluvião dos inimigos; mas sel-o depois de se haver magnificamente demonstrado, como esse inesquecivel soldado e essa França militarista e guerreira até á medula dos seus ossos, que era impossivel humanamente fazer mais na relatividade dos recursos e das forças; mas sel-o depois de ter compellido o adversário a exaurir-se em combatentes e em dinheiro; mas sel-o depois de o ter forçado a infringir o seu programma de lucta apregoado aos quatro ventos; mas sel-o depois de ter conseguido colligar fraternalmente povos que velhos rancores divorciavam, raças que ninguem jámais imaginou que se poderiam intender, e de fazer da Europa o taboleiro de xadrez onde essas raças e povos se tivessem dado o *rendez-vous*; mas sel-o depois de ter sido tractado como o Judeu o foi na Edade-média; mas sel-o, emfim, depois de se ter creado a escola onde o vencedor foi aprender,— não será renovar a queda e a glória da França quando, ha um século, a Europa inteira a opprimia?

Nunca chegamos a comprehender a insistente rega-rega de certos plumitivos, esfalfando-se na mesquinha e inutil tarefa de reduzir ás suas as proporções do inimigo. Pois não seria preferivel, ainda que só por amor-próprio, esticarem a sua estatura até á d'elle? Não será

mais lisongeiro para qualquer vaidade combativa vencer um habil colosso do que um brutamontes que nem da sua força sabe usar? Deprimir o valor do adversário não será subtrahir outro tanto á parcela de glória que do seu aniquilamento nos dimane? Ao contrário, aprecial-o com justiça não equivale a chamar para a nossa frente uma chispa tambem do fulgor que ninguém dirá que falte á sua? A glória d'um Scipião e d'um Wellington nada mais é do que um reflexo; é lampear d'astro obscuro a que um sol emprestou luz.

Ser-se vencido em taes condições — dizíamos — não será, no fim de contas, ser-se realmente vencedor? O que resta de imperecível n'uma campanha como a da Itália e da Polónia não é o terreno conquistado, mas a concepção e a execução magistraes do plano que deram ao vencedor essa conquista. O inimigo, repostado dos efeitos depressivos do desastre e reforçado poderosamente pelos seus recursos próprios e pelos que os seus alliados, e até algum neutro ao abrigo de represália, lhe fornecem, volta á carga e consegue readquirir o que perdeu? Se a retirada exhibe, como a dos Dez mil de Xenophonte, a de Moreau sobre o Rheno, a de Napoleão na Rússia, afóra outras, os mesmos notaveis dotes militares que haviam antes conferido a victória, historiador algum conhecedor do assumpto que relata iria glorificar incondicionalmente o vencedor occasional, e sobretudo exprobrar desdenhosamente ao vencido um acontecimento que não estava dentro dos seus recursos impedir. E se chegar — quem negará essa possibilidade, por'ora? — a impedir-o? Sem nem os Russos conseguirem reinstallar-se na Polónia, nem os Anglo-francezes libertar a Bélgica e os departamentos invadidos? Não se terá de carpir amargamente essa, pouca orgulhosa e justa, propaganda de descrédito sobre a capacidade militar do inimigo, que havia toda a vantagem em encarcerar e apregoar? E suppondo mesmo que o consigam



podem os Alliados garantir que hão de transpôr os Carpathos e o Rheno, impondo as condições de paz ao inimigo dentro do seu próprio território? Poderão desde já ter por seguro que, na hypótese de lhes atingirem a fronteira, obrigarão o adversário a desarmar? E se não obrigam, como qualificar justamente a situação que a referida campanha depreciativa lhes terá creado n'esse minuto doloroso?

Voltaremos ao assumpto um pouco adiante, para retomar a singela exposição de successos militares que nos aconselharam a fazer estes opportunos reparos.

Á conquista da Polónia, da Lithuânia do norte e da Curlândia seguiu-se a da Sérvia, Macedónia interior e Albania até Valona. Foi a mais rápida e decisiva campanha de toda a guerra. Nem rigorosamente foi talvez uma campanha; foi uma fulminante e cruel montaria a esses pobres Sérvios, culpados sem dúbida na represália terrível que os colhia agora no seu fojo por um inverno inclemente, mas vítimas tambem do abandono a que os votaram os paizes alliados. Foi talvez o mais pungente drama d'esta guerra feroz, e que parece annunciar-se já sem quartel e sem escrúpulo, — a prevista invasão da península dos Balkans pelos vencedores da campanha que dias antes se concluíra. Ficou já dito, n'um dos opúsculos que precedem, que o examinaremos, em toda a sua grandeza trágica, logo que a oportunidade se apresente. N'esse promettido estudo — *Campanha e questão do Oriente* — contemplaremos mais de perto esse esmagamento progressivo, e previsto já como não nos cançaremos de repetir, esse horror inenarravel d'uma perseguição impiedosa atravez d'um paiz assolado pelas intempéries e os homens, e apuraremos as responsabilidades que n'essa ruina e extermínio cabem aos gloriosos militares e estadistas que dirigiam a estratégia e a diplomacia das quatro grandes Potências alliadas. 56 dias — 5 de outubro a



30 de novembro de 1915: não precisaram de mais tempo os invasores para realizar todos os seus objectivos — esmagar a Sérvia, reconquistar a Macedónia, reduzir o Montenegro, tomar posse da Albania, subtrahir aos Italianos o littoral leste do Adriático encurrelando-os em Valona, estabelecer comunicação segura e permanente com a Bulgária e a Turquia, desobstruir o Danúbio, e obrigar os Anglo-francezes a evacuem Gallipoli e a desistirem de novas tentativas de transpôr os Dardanellos. Alargar, emfim, o bloco dos impérios, atravez dos Balkans, até Suez e Bagdad — este resultado, a que aos Alliados cumpria obstar a todo o custo, alcançaram-n'o os invasores plenamente. E alcançaram mais alguma cousa, infelizmente para todos os partidários sinceros da causa que o chamado heroísmo sérvio defendia: deixar de todo a descoberto a impotência da Rússia para defender a sua tutelada, o receio ou a má-vontade da Itália em soccorrel-a, o egoísmo ou a lastimosa incompetência da Inglaterra e da França em cobril-a a horas contra a tempestade que prenúncios vários vinham inequivocamente mostrando que seria a subversão do seu pupilo.

Nem, politicamente, se soube ao menos interessar na lucta a Grécia, onde então governava Venizelos, partidário decidido da *Entente* e da belligerância grega a favor d'esta; nem, militarmente, comprehender que o plano d'intervenção tinha de ser muito diverso, e — claro está — combinado com muito maior antecedência. Procedeu-se de modo que esse próprio entusiasta da expedição aos Dardanellos, ou, no emtanto, contra a capital turca segundo um projecto de cuja inconsistência é de crêr que não fosse capaz de se dar conta, — esse entusiasta pela guerra e pela Quádrupla declarou que não queria vêr o seu paiz desamparado como a Bélgica, não tomou calor algum pelo cumprimento do tratado greco-sérvio, e chegou mesmo a for-

mular o seu protesto contra o desembarque dos Anglo-francezes em Salónica.

Protesto *pro forma* — alvitramos então os experientes Italianos, os mestres consummados em descortinar segundas intenções nos actos e nas palavras aparentemente mais sinceros, os argutos e ardentes admiradores do seu «inegualavel» Machiavelli. Que lhes agradeça o juízo Venizelos. Mas, fosse por convicção ou por qualquer circunstância imperativa, o facto é que o incensado corypheu da belligerância e da cerebrina concepção estratégica de se atacar Constantinopla atravez da Thrácia búlgara, não quiz saber nada do estipulado com a Sérvia, poz em dúvida a efficácia d'uma intervenção sua e dos Anglo-francezes para a salvar, e protestou contra o procedimento d'estes allia-dos dispondo da casa alheia a seu talante. Desde que S. Paulo os diffamou, de resto com a menos discutivel santidade, os Cretenses ficaram sempre fruindo uma reputação levemente desfavoravel, e até mais ou menos escabrosa. Excellente occasião para o conhecido advogado de Creta o desmentir, prevenindo ao mesmo tempo a ironia italiana, se lhe occorre a ideia simples de dizer *sim* ou *não*, cordealmente ou brutalmente, aos Allia-dos. As razões que desde então se tem produzido para justificar a violência feita á neutralidade e á independência d'um paiz que toda a gente julgaria soberano, sequer no seu território, na sua politica interna e no seu functionalismo, vêr-se-ha quando abordarmos o estudo da questão do Oriente. Aqui dar-nos-hemos por satisfeito em recordar que os defensores officiosos de Venizelos e das Potências aliadas parecem atacados d'amnesia quando omittem a realidade d'um protesto que lhes invalida a these de que o desembarque em Salónica foi não só consentido — para o que, de resto, a fraqueza da Grécia era razão mais que bastante — mas pedido pelo então presidente do Conselho. Sé foi este

político em pessoa, e não por delegação de terceiro, quem o pediu, como explicar que protestasse? E affiguraram-se-nos impertinentemente auctoritários, esses officiosos defensores d'acções e d'attitudes da Quádrupla, quando s'esquecem, no meio dos seus arrazoados tão diffusos como frívolos, de nos citar o tratado (entre a Inglaterra, França e Rússia (se a memória não nos trahe) que estabeleceu e garantiu a independência da Grécia, nas suas disposições applicaveis ao caso que se procura cohonestar. Palavra d'honra de articulistas, por mais consideração que nos mereça, não é argumento a que seja lícito attender em questões de tal transcendência, — nem, tampouco, a de ministros. Venha o texto dos tratados, venham as interpretações officiaes que a esse texto se tenham dado, venha a história, completa e fidedigna, das relações actuaes e precedentes das Potências interessadas — e então se verá se os Alliados tinham direito a desembarcar o seu exército em Salónica, e a praticar uma infinidade d'infracções á soberania d'esse pequeno Estado mediterrâneo. Quando s'estygmatisou com justiça o procedimento da Allemanha na Bélgica é dever de lealdade provar que se foi não apenas generoso, mas impeccavelmente correcto e justo com a Grécia.

Nem, militarmente, se tomou quaesquer medidas capazes de, ao menos, impedir que uma retirada em boa ordem se transformasse n'uma fuga em massa e afflictiva, recolher as reliquias do exército sérvio em debandada, assegurar-lhe a reorganisação e reabastecimento, subtrahir toda ou parte da Macedónia á irrupção rápida dos Búlgaros. Avançou-se uns quantos kilometros n'uma e n'outra margem do Vardar para além da fronteira grega, assistiu-se d'ahi a uma das hecatombes mais sinistras de que nos rezam velhas chónicas, e regressou-se ao ponto de partida sem que da curta excursão tivesse resultado, para o contingente auxiliar

e o pequeno povo a socorrer, nem glória nem proveito. Quanto mais rememoramos esses dias lúgubres, mais nos convencemos de que poucas negociações diplomáticas e poucos planos militares foram alguma vez, nos annaes da diplomacia e das armas, tão desastrosamente concebidos. A sua execução não a censuramos; porque impossível se tornava, para todo o espirito reflexivo e justo, ir mais longe no esforço de fazer d'um erro evidente uma obra-prima.

No breve transcurso de quatorze mezes — em summa — tres grandes e fundamentaes campanhas comprehendidas pelo bloco dos impérios, e todas tres, posto de lado o caso escuro da suspensão da marcha sobre Paris, victoriosas. Commetter se-hia n'ellas algum erro, uma d'estas falhas estratégicas que nos permittam pôr em dúvida a competência militar, e politica tambem, do vencedor, e attribuir ao cego acaso ou a incidentes favoraveis que a intelligência pessoal não preparou, os notaveis resultados collidos? Se os houve, aos detractores, por convicção ou por systema, da força e da capacidade dos exércitos e do commando dos impérios do Centro o demonstral-o. Temos lido com attenção algumas d'essas críticas pejorativas, e em nenhuma deparamos até hoje com algum argumento ou algum factó irrefutaveis que nos forcem a consideral-as procedentes. Com phrases, sim, com má-vontade e com fel, temos deparado com frequência; mas não julgamos que bilis e palavras sejam provas.

Ao passo que, da parte dos Alliados, se commetteram; e não foram elles nem insignificantes nem raros, quer militar quer politicamente os consideremos. Inutil reeditar o que s'escreveu nos anteriores opúsculos, desde a expedição aos Dardanellos até á belligerância inopportuna, e mal comprehendida por ella na nossa opinião, da Itália. Só ha poucos mezes, com

a resolução de se coordenar sob um commando único supremo as operações em todas as frentes de batalha e de se acabar com essa inconvenientíssima attitude defensiva, se procurou, embora tardiamente, remedial-os.

E todavia, a nós que os desejaríamos encontrar nas críticas desfavoráveis á estratégia e á política adoptadas pelo bloco dos impérios, e não os encontramos, parece-nos que alguns, d'uma e d'outra espécie, havia a assignalar durante o largo período de tempo que vai desde o romper das hostilidades, em agosto de 1914, até á grande offensiva combinada nas tres frentes, no princípio de julho do anno que decorre. Omittindo, por carência d'elementos bastantes d'apreciação, como já se observou, o de se não ter proseguido na marcha sobre Paris,—o mais consideravel erro militar committido pelos Allemães na primeira das tres campanhas que atraz se resumiram, foi a sua obstinação em forçar uma passagem atravez d'uma região (o paiz das dunas) que a resistência efficaz dos Alliados, e mais aífda a sua natural e notória constituição palustre e as inclemências da invernia, uma ou duas semanas d'esforços, quando muito, bastariam a mostrar que seria inconquistavel. Foi uma perda considcravel de tempo; e peor do que isso, foi um sacrificio enorme e esteril de bons soldados, que poderiam muito bem mais tarde, agora por ex., fazer sentir dolorosamente a sua falta. Não se contesta as vantajens múltiplas a retirar d'essa obstinada investida, nem que se revelasse n'ella a mesma capacidade reconhecida no Estado maior que a delineou e a dirigiu; extranha-se apenas e precisamente por se reconhecer essa capacidade de commando, que se não visse depressa a inutilidade d'um ataque em tão pouco propícias condições naturaes, e que a defeza habilmente aproveitou; e que se tivesse por esse modo não só desfalcado esterilmente força própria como dissemos, mas proporcionado.



ao inimigo uma victória que lhe augmentou o prestígio, mais ou menos eclipsado pelo revez consecutivo ao magnífico investimento do Marne, e o animava por conseguinte para futuras e mais tenazes resistências.

Na campanha da Polónia não temos o indício mais leve de que se haja incorrido n'um erro grave qualquer, ou político ou militar. Por esta razão, negativa é certo, mas a que não faltam as razões positivas depondo no mesmo sentido lisongeiro, dissemos atraz que ficaria na história militar como um dos grandes monumentos em que se téem affirmado o valor d'um exército e a habilidade, talvez até que o génio, do commando. Com certeza, permanecerá como a obra-prima realisada pelo temperamento batalhador que se nos tem exhibido n'esta guerra.

Da campanha da Sérvia, não obstante se haver alcançado plenamente com extraordinária rapidez os objectivos que deixamos acima enumerados, e de se não descortinar na conducção das operações nenhum ponto fraco onde a crítica tenha preza, tivemos sempre a impressão de que não dera tudo o que devia. Mais uma vez repetimos que retomaremos a questão n'outro opúsculo. Por agora contentar-nos-hemos em apontar como um erro militar possível — não ousamos dizer certo — a desistência de se não expulsar os Anglofranceses de Salónica, sem lhes dar tempo a que ahi elegessem domicilio, e se não ter procedido egualmente, e com a mesma rapidez, para com os Italianos em Valona. Uma possível, talvez provavel até, hostilidade da Quádrupla contra a Grécia não crearia aos invasores e aos Búlgaros nem mais nem mais sérias difficuldades, quaesquer que fossem, do que lhes originou, ou podia ulteriormente originar, a permanência do seu inimigo em dous pontos do seu território balkánico que estrategicamente não é possível considerar de somenos importância. Pela carência de linhas férreas,

e d'estradas, além d'outros óbices que desfiaremos a seu tempo, acreditamos que se tivesse de retardar por um mez, ou um pouco mais, esse epílogo da invasão impetuosa e habilmente emprehendida; mas continuamos a estar persuadido de que por fins de janeiro, princípios de fevereiro o máximo, do anno que decorre, se teria posto fecho na campanha, e tirado ás forças da Quádrupla e aos destroços do exército sérvio a possibilidade, a não ser nas ilhas gregas, de se reconstituírem e representarem d'então em deante uma ameaça. A defeza dos portos continentaes da Grécia contra a marinha e o exército da Quádrupla não era empreza que assustasse, nem que reclamasse grandes effectivos, desde que os próprios Gregos interviesses no caso, como era mais do que provavel. N'esta hypóthese, metade do exército búlgaro, se tanto, bastaria para reforçar as guarnições gregas n'um ou n'outro porto mais sujeito a nova tentativa de desembarque, e em todo o caso a cobrir o território grego ao norte do golpho de Corintho. Eram pois, seguramente, 200:000 Búlgaros disponiveis para quaesquer outras exigências militares, na península ou fóra d'ella (1).

Tambem não comprehendemos, na campanha a que nos estamos referindo, porque se não aproveitou o impulso adquirido, o entusiasmo das populações mussulmanas pelos golpes vibrados com tanta celeridade e decisão nos Alliados e nos Sérvios, e a victória turca em Gallipoli, para se tentar a invasão do Egypto, que de resto fóra por vezes annunciada. Se o canal de Suez era abordavel, por consequência se aquelle investimento era exequivel, temos ainda a impressão de que se commetteu outro, e mais conside-

---

(1) Inutil lembrar quanto estas reflexões vêm de ser justificadas pela attitude que a Rumania acaba d'assumir.

erro militar. Para precipitar o remate da guerra, esforçar-nos-hemos por mostrar, no opúsculo sobre a questão do Oriente, que essa campanha no Delta, a ser feliz, representaria um acontecimento de mais vulto do que a triumphal campanha da Polónia. Se, por motivos d'ordem topographica, porque d'outra ordem não é muito crível que os houvesse, se julgou inconveniente inicial-a, incorreu-se então n'um erro político não se propondo, ou não se facilitando negociações de paz com os Alliados. O momento era, o mais possível, favoravel e opportuno. É nossa convicção que Birmarck, a não estar absolutamente seguro d'esmagar o inimigo, não hesitaria em aproveitá-lo, e em tomar, mesmo, a iniciativa das propostas. E é tambem convicção nossa que seria plenamente bem succedido. A Inglaterra, pela bôcca de Mr. Asquith, claramente articulava o seu desejo de paz, desde que as propostas fossem accitaveis. A França, apesar de qualquer opposição da minoria *chauviniste*, não a desejava menos do que o visinho d'além-Mancha. A Rússia não obstante a amolgadela da Polónia e as pretenções dos panslavistas, se não se podia affirmar que a quizesse, é positivo que teria que ceder, como a Itália, ao que a Inglaterra e França resolvessem. Toda a questão se reduzia, portanto, a não regatear com a Inglaterra determinadas garantias, e a reconhecer á França certos justos melindres do seu renome militar. Veremos depois como conseguir com as duas Potências o accôrdo prévio sobre que negociar a paz definitiva, e as concessões que seria possível fazer á Itália e á Rússia. O que temos empenho em deixar aqui accentuado é que a paz era perfeitamente exequivel n'esse instante, e que aos impérios centraes, pelas vantajens militares obtidas e que o mundo inteiro então reconhecia, seria generoso e habil promovel-a. Na hypóthese de falhar a iniciativa por causa d'exigências excessivas da

Quádrupla, que a situação respectiva dos exércitos não podia justificar, teriam no grande acervo dos neutros, testemunhas do seu esforço, e da moderação do seu procedimento depois de tantos êxitos alcançados, um apoio formidável para debaterem então o pleito até final.

Mas nem official nem officiosamente, ao que nos consta, Berlim se resolveu a dar o primeiro passo para a suspensão das hostilidades, e os Alliados responderam com igual abstenção. Ia abrir-se a segunda phase do conflicto, aquella que vamos n'este momento atravessando. De que o bloco dos impérios retomasse o seu plano favorito de offensiva nem passageiramente duvidamos: a victória até ali pertencera-lhes; as vantagens militares eram suas, no decurso de dezembro, em todas as frentes de batalha; a Rússia estava inutilisada para alguns mezes; a Inglaterra não devia estar sufficientemente preparada, pelo menos em effectivos, para levar auxilio efficaz aos Francezes na frente occidental, conforme a iniciativa gorada na Champagne e no Artois, em fins de setembro de 1915, demonstrara; a Itália pezava relativamente pouco na direcção a imprimir ás operações dos Alliados; podia, assim, retomar a offensiva o bloco onde mais lhe conviesse.

Dissemos já ter momentaneamente pensado — sobretudo ao lermos em janeiro último a noticia da evacuação de Gallipoli (noite de 8 para 9), da invasão do Montenegro, e ulteriormente da Albania, pelos Austro-húngaros, e da forte pressão que os Russos, como derivativo e desforço, entraram a exercer na Transcaucásia — que se deliberara transferir para o Oriente o theatro principal do conflicto, segundo escrevemos nas linhas sóbrias com que pozemos remate ao «*Nó dos Balkans*», e porconsequente iniciar, as operações militares de cuja desistência, ou de cujo adiamento, jul-

gamos não terem os impérios centraes medido as conseqüências desagradaveis, principalmente no futuro. No emtanto, o certo é que as adiaram, ou desistiram d'ellas por uma vez, como em princípios de fevereiro nos pareceu, ao vêmos os Alliados consolidarem tranquillamente a sua installação provisória de Salónica, tranquillamente s'estabelecerem em Valona e Corfu, recolherem tranquillamente ahi os Sérvios foragidos; e os Austríacos continuarem a occupação da costa da Albania com a lentidão de movimentos que n'elles chegou a ser proverbial. D'aqui inferíamos que, pelo menos, os Allemães tinham modificado aquelle plano no Oriente, e viriam, mais hoje mais amanhã, ensaiar na frente occidental o golpe de misericórdia a que no opúsculo «*A situação militar europeia*» consagramos algumas breves reflexões.

A offensiva de 21 de fevereiro d'este anno em nada, pois, nos surprehendeu em si mesma, isto é, abstrahindo das circumstâncias em que s'intendeu dever effectual-a. Porque, fazendo-as entrar em linha, como a nós, simples curioso, se nos affigurou indispensavel, pareceu-nos que ella tinha sido um pouco retardada; que não fôra emprehendida na região onde se tornava mais crível dominar a resistência dos Francezes; e muito principalmente que faltava, para melhor garantia do resultado a conseguir, a preciosa collaboração dos Austro-húngaros na fronteira italiana. Depois da campanha na península dos Balkans, foi sempre nossa opinião, seja embora sem nenhuma auctoridade na matéria, que uma nova offensiva allemã no occidente devia ser coordenada com uma offensiva parallela dos Austríacos no Veneto; e que ambas se deviam proseguir antes que os Russos estivessem habilitados para qualquer demonstração poderosa e violenta no theatro oriental. N'estas condições, o seu éxito era muito para esperar; e na hypóthese de revez n'um



dos campos, havia victória provavel no outro a compensal-o.

Supérfluo será insistir na confirmação pontual que as occorrências militares vieram dar a esta previsão. O ataque á linha de Verdun não deu mais que a posse, com pezados sacrificios, dos fortes de Douaumont e Vaux ao cabo de tres mezes ininterruptos de formidaveis esforços; emquanto que pouco mais de quinze dias bastaram para que os Austro-húngaros se apoderassem dos planaltos de Arsiero e Asiago, e ficassem assim virtualmente senhores da planície do Veneto, onde só a grande offensiva russa na Galicia e na Bukovina os impediu de penetrar, e d'ahi metter o exército italiano na alternativa ou d'evacuar de prompto a extensa linha da fronteira desde o Adige ao Isonzo, ou de ser aniquilado. Não seria esta uma victória que resgataria bem o cheque rêlativo que os Allemães soffreram em Verdun? Não poderia talvez mesmo desalentar a resistênciã heroica dos Francezes, e transformar esse revez n'outra victória? Note-se que decorreram nada menos de tres mezes, a contar da investida no Mosa, antes que os Russos se tivessem preparado para intervir; e por consequência que a simultaneidade das duas offensivas pelo bloco dos impérios, ainda que o atrazo nos preparativos da Áustria forçasse a transferir a de Verdun para um mez depois, levaria ao êxito esperado. A notar ainda que o Montenegro capitulara a 10 de fevereiro, que Durazzo era evacuado pelos Italianos a 25, ficando pois os Austro-húngaros tambem virtualmente de posse da Albania; e que portanto a dupla offensiva, no Trentino e em Verdun, effectuada por ex. em fins de março viria muito a propósito e a tempo para conseguir depressa a tomada de Valona, e responder á d'Erzerum pelos Russos no dia 16 do mez anterior. Sem prejuizo d'opinião mais auctorisada do que a nossa, eis a primeira vez em

que falhou, ou parece ter falhado a expectativa geral na previdência minuciosa e na capacidade irreprehen-sível do alto commando do bloco dos impérios; em que a lucidez e acuidade de visão o abandonaram, ou parece terem abandonado, e se passaram, á guisa de desertores, com armas e bagagens para o que vinha presidindo, com escasso éxito, ás operações dos Alliados. Eis a primeira vez em que julgamos procedentes as críticas desfavoráveis que ao primeiro d'esses altos commandos se tem feito. Não é que as duas offensi-vas, encaradas separadamente, accusem quaesquer pre-tendidos erros, estratégicos ou tácticos; ao contrário, deram-nos a impressão, a nós humilde leigo em assum-ptos tão complexos, de terem sido superiormente con-duzidas. É que não lhes vimos a coordenação, no es-paço e no tempo como é uso dizer-se na linguagem da Mecânica, que seria indispensavel para assegurar a realisação dos diversos intuitos a que deviam ter obe-decido, particularmente para frustrar, ou pelo menos attenuar previamente em larga escala, a poderosa offensiva de conjuncto para que os Alliados vinham dispondo as suas cousas, e que aliás todo o mundo já previa.

Como quer que seja, as duas offensivas sahiram frustes, sequer n'um ponto de vista relativo; e a grande offensiva dos Alliados, iniciada em junho pelos Russos, desenhou-se e está em pleno desinvolvimento nas tres frentes, deixando provisoriamente de lado a dos Bal-kans e da Arménia, e em geral as da África e da Ásia que merecerão estudo á parte. E o problema consiste, na nossa insignificante opinião, em decidir se o bloco dos impérios poderá sustal-a, admittindo, claro, como assente que não pode sahir victorioso. A ques-tão reduz-se pois, quer-nos parecer, a um exame rá-pido do aspecto novo e pittoresco que nos apresenta o immenso campo de lucta, dos meios de que dispõem

e dos estímulos a que devem obedecer os dous massiços humanos combatentes.

Aquelle aspecto é, com effeito, original; inédito pois o problema militar a resolver. Grandes cêrcos de cidades, conheciamol os, todos, pela História. O que jamais ninguem vira, nem sonhara, era um enorme assédio posto a um compacto bloco de nações. Mais sabíamos pela História que jámais cidade alguma cercada, e devidamente mantida em isolamento, deixara de se render aos sitiantes. Chegou, pela primeira vez na História humana, a occasião de saber se um grupo continuo de nações, rigorosamente sequestrado do resto do Mundo, terá fatalmente de soffrer a mesma sorte. Ninguem tampouco ignorava que um forte recinto sitiado era invariavelmente reduzido ou por escala viva ou, com mais frequência, pela fome, a sêde, as epidemias, as revoltas, o desánimo. Em que ninguem pensara, ainda era em saber qual d'estas causas reduziria um bloco de nações, muito menos em apurar se era facil produzirem-se. No debate d'este ponto affigura-se nos residir a solução a dar no problema.

Ora, o que denominaremos os factores moraes da rendição julgamos, ao menos por'ora e pelos desmentidos bem authenticados a boatos tendenciosos, quasi cada mez lançados a público e reeditados suspeitamente sempre que um recrudescimento do conflicto o insinúa,—julgamos que será prudente eliminal-os. São fogo de palha que só logrará deslumbrar os ingénuos ou os imbecis,—desde as célebres deserções logo no princípio da campanha, até aos recentes tumultos e insurreições em differentes paizes abrangidos pelo bloco. Porque o desalento e as revoltas sejam impossiveis? Não, por certo; mas porque faltam condições essenciaes para as provocar, os *mencurs* audaciosos e o ambiente suggestivo. Com o serviço militar universal e obriga-

tório, adoptado hoje em toda a Europa e na Turquia, as populações são impotentes para qualquer tentativa séria de revolta, e incapazes d'instillar no exército a sua desesperança, menos ainda a sua eventual indisciplina. O soldado é sempre soldado em toda a parte até mesmo na civilista Inglaterra; e em toda a parte, possui o sentimento, muito agudo e susceptivel, do dever e da honra militares, sobretudo em face do inimigo e d'um levantamento perigoso para a segurança e defeza nacionaes. Com certeza se não insurgirá em nenhum d'elles, e em todos reprimiria inexoravelmente uma insurreição. Fiquemos seguros: não serão motins, manobras d'opposição, nem desalentos que forçarão os impérios centraes a pedir misericórdia aos Alliados; nem os Alliados, aos impérios. Prescindimos já da popularidade da guerra em quasi todos, e dos ódios velhos ou recentemente originados, que se votam alguns d'elles. São energias moraes prodigiosas, que affastam para mil léguas de nós a pueril ideia de que seja por esse lado que algum dos belligerantes venha a succumbir. Pelo contrário: a cada victória e cada revez a mais em qualquer d'elles, mais s'encarniçará o desejo feroz de resistir ou d'esmagar. O momento d'uma paz bem acolhida passou; agora ha que proseguir na sangueira até ao fim.

Epidemias: no capítulo não téem faltado, tam-pouco, as noticias agourentas, em relação ao bloco dos impérios claro está. Nas populações e nos paizes onde a hygiene deixa muito a desejar, e onde as privações e a ignorância venham aggravar as condições económicas da vida, já habitualmente precária ou miseravel, não é improvavel que tenham apparecido, e ainda possam apparecer. Nos exércitos, a não ser no turco e no russo, que não primam talvez muito pelo aceio, e até n'esses com bastante dúvida, ou porque a necessidade obrigue o Moscovita ou porque o Allemão vigie o Otto-



mano, é improvavel. Doenças, entre soldados e civis, não hão de faltar: são mais um companheiro inevitavel e triste d'essas grossas empreitadas que receberam os nomes pomposos de campanhas e de guerras. Mas são doenças communs que a anormalidade da vida exacerba, origina, e torna por certo mais frequentes e mortíferas. Epidemias, pelo menos geraes e devastadoras, epidemias capazes de moralmente deprimirem populações e exercitos e de materialmente os enfraquecer, são impossiveis, por motivos tão óbvios que seria offender a intelligência do leitor o enumeral-os. A enormidade territorial do bloco não é, positivamente, o recinto breve d'uma das maiores cidades actuaes; a nossa época está muito longe de ser a Edade-média; e a nossa hygiene é alguma cousa mais que uma palavra. Não será tampouco por ahí que o referido bloco abrirá água, ou terá o grupo alliado que ir ao fundo.

Sêde: voltemos página.

Fome: eis o espectro que sábios correspondentes anónymos das gazetas não têm deixado d'agitar sollicitamente desde os primeiros dias da borrasca, e não deixam de sacudir hoje ainda se, como agora, uma grande expectativa dos neutros se encontra perante um grande emprehendimento militar que se annuncia. A intenção é desculpavel; mas duvidoso o resultado. Abusou-se da arma; difficil é pois que faça mozza. Argumenta-se com a batalha naval do mar do Norte (31 de maio findo) para demonstrar que o bloqueio é irrompivel, irremediavel portanto a rendição do bloco, mais ou menos tardia embora, pela falta d'alimentos, e talvez de matérias primas para as indústrias. Deixemos estas matérias primas; porque, emfim, das tres fundamentaes necessidades do homem, o pão o vestido e a casa, estas últimas não consta que deixem de ter sido regularmente satisfeitas em qualquer dos paizes que se visa no argumento. Para se colligir — porque o regimen d'incommunicabilidade a



que todos elles estão sujeitos só nos permitem inferências, exactamente como só as permitem aos criticos — se a do pão o não tem sido, ou promette não o ser em maior ou menor prazo, será opportuno examinar de carreira a posição e os recursos provaveis d'aquelle immenso «campo entrincheirado».

A sua extensão, no seu mínimo de latitude, vai de 40° a 55°, desde o mar Egeu ao mar Báltico; no seu mínimo de longitude, vai de 4° a 26° orientaes; ou sejam 15° em latitude e 22° em longitude. Em altitude, esta massa continua de territorio, abundantemente irrigado quasi todo, e só um tanto secco na Hungria, o que aliás, não a impede de ser a um tempo um bello torrão para trigo e para forragens, vai da média d'uns 150 metros na «grande planície europeia» (de Calais até ao Ural) á de 4:000 e 3:000 nos Alpes, e nas cordilheiras que d'ahi se ramificam para leste, os Carpathos e os Balkans. Esta sumitica informação geographica levar-nos-hia, sem mais nenhuma outra, a suspeitar a existência d'uma consideravel variedade de climas, de múltiplas e riquíssimas culturas, e d'uma fauna não menos preciosa e varfada. Mas ha ainda vários elementos d'outra ordem que nos levam a inferir com segurança que o «bloco entrincheirado», embora só confinado nos limites que apontamos, pode viver por largos annos pelos seus recursos próprios, sem resvalar na contingência imperativa d'esmolar a sua alimentação no estrangeiro. Queremos alludir particularmente aos factos, factos e não hypótheses, do saber téchnico que na Allemanha e na Áustria-Hungria preside á exploração económica da terra, incluindo a criação dos animaes; de ser principalmente de productos agrícolas a exportação da Áustria-Hungria, e de se bastar este paiz a si mesmo n'esse e, parcialmente, no ponto de vista industrial; de metade do seu commércio exterior se fazer com a Allemanha; de ser

este império o único paiz do bloco que pede fóra um supplemento de comestiveis, e de poder com facilidade obtel-o dos paizes balkánicos que os produzem com fartura, ou das nações neutraes do mar do Norte e do Báltico se os primeiros não bastassem. Aves, carnes, ovos, lacticinios, legumes seccos, batatas, assucar, pescarias, — quanto é fundamental na alimentação do Europeu — não lhe faltam, ou podem ser facilmente adquiridos; nem falta sequer a cerveja, que nos povos do Centro e do Norte substitue o nosso vinho.

Que lhe faltará, para manter o regimen alimentar anterior ao conflicto? Alguns géneros, dispensaveis de resto, dos paizes tropicaes, o chá e o café sobretudo; e estes mesmos é bem provavel que o bloco os tenha recebido, juntamente com o azeite, o vinho e o arroz, que não produz ou só produz em quantidade insufficiente, quer da Grécia e da Turquia, além da Arábia, quer das colónias hollandezas, salvo se o bloqueio impediu a Hollanda de receber as suas produções coloniaes.

Inutil gastar mais tempo com o assumpto. Tome o leitor instruido uma carta ou um atlas, folheie qualquer livro recente de Geographia (o de Vidal de la Blache, por ex.), consulte a obra de Victor Cambon (edição do anno passado) «*L'Allemagne au travail*», e terá formado o seu juízo sobre a pretendida, não diremos já imminência, possibilidade, por mais longinqua, de o «bloco entrincheirado» vir a render-se pela fome. Tem a vida cara? Por certo, como a têm os Alliados, e os neutros em todo o Mundo; menos, porém, talvez do que se julga. Soffre d'uma grande crise de trabalho? Como todos, os belligerantes e os neutros; e ainda aqui, menos talvez do que se pensa. Por'ora limitar-nos-hemos a observar que o bloco, juntamente com os paizes mencionados atraz e com a Suíssa, constituem um todo que não ha impossibilidade

alguma em tornar economicamente independente. São, ou podem ser por largo período, solidários, e fazem vida á parte na superfície do Globo. A Allemanha podia tornar-se a fornecedora industrial n'esse mundo económico circumscripto; os restantes paizes, os seus fornecedores de algumas matérias primas e alimentos. Questão apenas de talento organisador, disciplina social, e convénios commerciaes e aduaneiros; e todos sabem se ao principaes d'esses povos do grupo, que estamos suppondo em regimen de sequestro provisório, fallecem os dotes que fazem economicamente triumphar. Quanto mais reflectimos no senso prático dos estadistas inglezes, mais convencido continuamos de que o famoso bloqueio visava principalmente a exercer sobre os neutros uma forte pressão e impressão, chamando-os indirectamente ao seu partido; e de que o seu resultado mais provavel, e tambem mais curioso, seria levar a Allemanha a resolver um problema inédito na história económica do Mundo. O futuro dirá se nos enganamos.

Como quer que seja, pela fome não achamos razão alguma attendivel para crêr que o «bloco entrincheirado» capitule. Tem, pois, que ser esboroado á escala viva. Sêl-o-ha?

Além d'incidentes imprevistos, pouco provaveis após dous annos de guerra permanente, os factores capitaes que determinam a victória ou a derrota, são, por accôrdo unânime, os seguintes: capacidade, estratégica e táctica, do commando; organização de todos os serviços militares; armamento, equipamento e municiaimento; instrucção profissional e disciplina, d'officiaes e de soldados; effectivos e reservas, d'uns e d'outros. Junc-taremos um ainda, cuja importância escusado seria encarecer: tradição e temperamento militares nos paizes qu'estão em guerra. É uma espécie de *vis a tergo*, e por assim dizer polarizada, que importa não perder de vista.

Em capacidade, quer para conceber quer preparar as operações de guerra parcellares e no conjuncto, não se pôe reluctância em admittir que os dous commandos estão á altura da tarefa, ao menos depois que se centralisou o dos Alliados, e s'excluirmos as diversas frentes asiáticas. O balanço respectivo dos lucros e perdas de terreno, das batalhas e combates ganhos e perdidos, do número e óbices das operações realisadas, é certo que seria todo em favor do bloco dos impérios; e para isso fizemos atraz o breve resumo da guerra nos dous annos decorridos. Mas como se tem allegado, e não completamente sem motivo, comquanto a veracidade do argumento não lhes abone muito a perspicácia e a previsão, que os Alliados não dispunham das munições nem talvez do armamento, em quantidade e em qualidade, indispensaveis para, desde logo, fazerem victoriosamente face ao inimigo, desistiremos de quaesquer objecções que d'aquelle balanço tiraríamos, e suppremos que, d'ora em diante sequer, esses commandos são de todo equiparaveis entre si.

Egual equivalência será razoavel admittir em todo o material e nos differentes serviços de campanha, sob qualquer aspecto que se encarem, com a única reserva de que, pelo menos em serviços sanitários, os Russos difficilmente deverão considerar-se ao nivel dos Italianos, Inglezes e Francezes. Não tem alcance mediocre este reparo; porque, se é verdade, como é incontestavelmente verosimil, que só  $\frac{2}{5}$  dos seus feridos voltam á linha do fogo, voltando dos feridos allemães uns  $\frac{4}{5}$ , as suas massas combatentes, além de mais vulneraveis precisamente pela sua densidade devem, por essa deficiência d'um excellente corpo de saúde, ter sido terrivelmente desfalcadas; e devem ter perdido, por consequência, grande parte dos seus mais velhos e sólidos soldados.

No ponto de vista disciplinar, dúvida alguma resta,



pelas considerações feitas no logar próprio, de que haja estricta correspondência entre os dous grupos; mas no da instrucção profissional, é que as diferenças são de vulto, em officiaes e em soldados. Bons officiaes e bons soldados, principalmente officiaes, pela sollicitude na instrucção que se lhes deu, e pela tradição e temperamento militares dos povos que o constituem, pode affirmar-se que os tem todo o bloco. Allemães, Austríacos, Búlgaros e Turcos foram sempre povos militares; entre os Alliados, foram-n'o apenas Russos e Francezes; e n'estes mesmos a diferença na receptividade para o ensino militar facilmente se deduz da circumstância de se obter com dous annos de serviço em França o que na Rússia exige quatro. Inglezes e Italianos, embora para estes houvesse ha muito o serviço obrigatório, são evidentemente valores relativamente secundários; por muito bellicosos que fossem, e não são, só ha pouco s'estreiam como grandes Potências militares, e só n'uma guerra de trincheiras. N'uma guerra de movimentos, em que melhor se pode aquilatar a competência técnica d'officiaes e de soldados, a sua inferioridade em relação aos adversários é nosso irreductivel parecer que desde logo resaltaria. É talvez pel'a sentirem vivamente, que ambos s'obstinam em pequenas manobras, e em condições especiaes de terreno e de possiveis sustentáculos. Isto dizemos sem a menor intenção depreciativa, perceba-se bem. O Inglez é um admiravel marinheiro, e não é pouco; não iremos tolamente exigir que de súbito se transforme n'um soldado magnifico. O Italiano não estava tambem affeito ás grandes luctas; não iremos, tampouco, censural-o porque prefere adextrar-se em sua casa. Dizemol-o só para que a diferença nas aptidões guerreiras adquiridas e naturaes, se registre, e nos ajude a vêr claro no problema em debate.

Quanto a effectivos, já mobilizados e susceptíveis de o serem, já nos procedentes opúsculos insistimos



em que não existem os dados essenciaes para os apurar.  $\frac{1}{2}$ , e continuará sendo, uma incógnita que só os grupos contendores sabem determinar exactamente. Os Alliados, excepção feita da Inglaterra no principio, não nos fornecem as listas dos seus mortos, feridos, extraviados e prisioneiros, nem o número dos seus feridos que regressaram ás fileiras; nem, por certo, nos irão ingenuamente descobrir o número d'homens que podem levar ainda ao campo de batalha. Só a Allemanha publicava regularmente as dos seus mortos e feridos, e nos dizia que recambiava cerca de  $\frac{1}{5}$  d'estes para o fogo. Com estes dados sempre nos seria possível calcular, com taes quaes visos de verdade, o valor numérico dos seus effectivos e reservas. Mas, desde que a sua incommunicabilidade começou, esses poucos elementos de cálculo authenticos deixaram de nos ser officialmente transmittidos, para darem apenas logar a phantasias, ou habilidades de *reporters*.

Todavia, d'um modo geral, a situação dos belligerantes sob esse aspecto é provavel que não se affaste muito da seguinte:

Os Alliados têm mais homens nos seus exercitos, em serviço activo e em reservas. Mas ter muitos homens em armas não é o mesmo que possuir muitos soldados. Para a magnitude que a offensiva recente precisa de revestir, a França debate se com a carência d'effectivos, como estamos auctorizados a inferir da sua demographia, da multiplicidade e violência dos ataques que teve a supportar, da sonegação á publicidade das perdas que até hoje tem soffrido, da chamada ás fileiras da classe de 1917, do appêlo feito ha muito ás suas tropas coloniaes (Argentinos e Senegaleses) e até mesmo da dispersão de contingentes avultados pelos Dardanellos e Salónica, sem fallar já na recente collaboração de contingentes russos na linha de fogo occidental. O recurso a forças estrangeiras é

certo que poderia obedecer apenas ao cuidado previdente d'economisar as que lhe restam. Não é comtudo menos certo que esta economia é já significativo symptoma; e que o «saque sobre o futuro», antecipando o serviço da classe de 1917, é signal inilludível de relativa penúria de soldados.

A massa de combatentes russos é sufficientemente compacta para cobrir todo o consumo caseiro e para exportar. Mas temos a isso a contrapôr que as suas perdas, por essa mesma circumstância e pelas razões já produzidas, devem ter sido colossaes; e que mais de metade talvez dos que s'estão batendo na frente oriental é constituída por novas levas com instrucção professional deficiente, dirigidas por quadros d'officiaes por egual pouco instruídos, e porventura incompletos.

Inglezes e Italianos devem dispôr, sem dúbida, de quadros e d'effectivos completos; mas deixamos tambem dito porque não é possível equiparal-os militarmente nem a inimigos nem a amigos. De maneira que a superioridade global numérica fica, nos Alliados, soffrivelmente diminuída pela sua inferioridade, tambem no conjuncto, pelo que toca á instrucção técnica dos homens e dos quadros, pelo menos para grandes movimentos estratégicos. Exceptuados os Franceses, em parte os Russos, entre os quaes hão de figurar não poucos dos seus primeiros combatentes, e o quadro d'officiaes italiano, os Alliados constituem em globo uma vasta multidão d'homens armados, pouco mais do que um acervo, de consistência e força propulsiva duvidosas, de recrutas e de noviços.

O bloco, esse tem soldados e tem quadros, pelos motivos que em momento opportuno foram apontados. Mas, embora a qualidade podesse contrabalançar, se não subordinar, a quantidade, admittiremos que a falta de número lhes crie uma situação inferior. Evidente-

mente, a questão reduz-se toda a remedial-a na medida em que a demographia e diversas condições internas, que não vem a propósito esmiuçar, o consentirem. Quando uma praça de guerra é estreitamente assediada, toda a gente sabe que recursos e homens se aproveitam e valorizam até ás últimas migalhas. O bloco é precisamente essa grande praça de guerra assediada, e os seus defensores é innegavel conhecerem regularmente o seu officio. Por enquanto não consta, por informes dignos de fé, que já se procedeu como na França, e se deliberou «sacar sobre o futuro». Todavia, o perigo aperta, e dada a animosidade, a quasi ferocidade recíprocas, a derrota seria talvez o extermínio; ou seria pelo menos a perda integral dos territórios conquistados. Imprescindivel entrar aqui com o factor *imponderaveis*, como Bismarck s'exprimia, para bem s'intender a situação que o vasto cêrco impoz aos dous impérios e aos seus consócios no Oriente. Ora, se o perigo aperta, e a ruina total espreita ao longe, claro se torna que a agudeza de visão centuplica, e chega ao paroxismo a áncia, se não já de vencer, de não facultar ao inimigo o prazer de triumphar. É, por isso, nossa convicção que a estas horas já no bloco se fez o minucioso inventário de todos os recursos e meios de lhe contrapôr uma resistência que, pelo menos, frustre a investida; e se tractou, por consequente, de chamar o máximo número d'homens, ou antes, de soldados, ao serviço activo e ás reservas, uma vez averiguado que as disponibilidades dos amigos não eram de mais para uso próprio, e que os deslocamentos d'uma para outra frente não eram já possíveis, ou em todo o caso, não bastavam.

Objecta-se que já não restam homens que affluam a esse toque final de reunir. Não o julgamos. O serviço militar, pelo menos na Allemanha, obriga dos 20 aos 45 annos. Sobre esta base se tem feito os cálcu-

los, embora sempre incertos, d'effectivos; e por consequência, e sobre a lista ainda mais fallivel das perdas, se tem supposto não haver mais homens disponiveis. Não se attende a que a necessidade, em conjuncturas como esta, é a lei suprema; que esses limites podem consideravelmente ampliar-se; e que n'uma raça forte, e ainda por cima guerreira, um homem de 50 ou 55 annos, e mesmo além, goza da precisa robustez para se impôr as fadigas d'uma campanha, e por maioria de razões para desempenhar o serviço territorial da *landsturm*. Figure-se alargados esses limites até á idade que indicamos, prescindindo já do limite inferior; imagine-se remodelados, com egual intuito de chamar ao serviço activo o máximo número d'homens válidos, os limites que vigoravam para a primeira linha (20 a 27 annos), a segunda (27 a 32 annos), a *landwehr* (32 a 38 annos); recorde-se que o número de rapazes em idade militar (20 annos) regulava por 500:000 annualmente; consulte-se um Censo da população; generalise-se a remodelação que suggerimos aos outros paizes do bloco, pelo menos á Áustria-Hungria e á Bulgária; e diga-nos qualquer professional reflexivo se não será exequível tirar d'elle uns milhões mais de combatentes, de os fazer bem instruir, e de os fazer satisfactoriamente commandar.

Também quizemos em tempo persuadir-nos de que o «bloco entrincheirado» sempre acabaria por se desmantelar sob a pressão da immensa *avalanche* d'inimigos. Temos a esse respeito hoje as nossas dúvidas, se fôr certo que as aptidões organisadoras não fallecem, que o risco acera a perspicácia, e que a necessidade força aos últimos sacrificios. Com um tal regimen d'incommunicabilidade e de sequestro, quem pode saber o que se passa no interior do vasto bloco? O que vemos é que a vaga russa, impetuosa no principio, entrou ha cêrca d'um mez (durante julho) a avançar mais



lentamente; que no Somme a brecha, que desde ha umas cinco semanas os Anglo-francezes vêem abrindo, por emquanto pouco mais é de que uma arranhadura; que em Verdun o obstinado inimigo não retrocede cousa apreciavel sob a arremettida heroica dos Francezes; e que os Italianos não iam fazendo mais progressos no Trentino. E agora nos lembra que os Inglezes, n'um dos seus communicados, accusavam na sua frente, para explicar um revez qualquer soffrido, a presença de grandes reforços allemães.

No emtanto, é positivo: numericamente, os Allia-dos prevalecem; e é este o único factor, pela successiva eliminação que fizemos dos restantes, com que poderão contar para compellir o bloco á rendição. Mas se nos dizem que o número, sem attenção á qualidade, é factor sufficiente de victória, perguntaremos porque é que a Rússia não destinava menos de quatro annos á instrucção da sua infantaria, e a França pouco antes de a guerra explodir, regressou ao serviço dos tres annos, que a propaganda socialista forçara a reduzir sómente a dous? E prescindiu jamais qualquer d'estas nações, eminentemente militares, de maior número d'annos para instrucção das armas especiaes, e d'uma officialidade bem provida de conhecimentos, theóricos e práticos, ministrados por longo tempo nas escolas, nos polygonos, nos campos, nas officinas, nas manobras? Se o número basta para vencer, se dous ou tres annos chegam para se improvisar quadros e soldados, quer dizer, para se transformar uma multidão amorpha n'um exército, reconhecemos que fazíamos um conceito erróneo da profissão das armas, do saber, das aptidões e do tirocínio especiaes que reclamam. Fica-nos sómente a consolação, a tão rude amolgadela no amor próprio, de comprovar que não nos faltaram partícipes no erro entre os imbelles Germanos, Russos e Francezes.



No entanto, repetimos; o número é o principal supervalor militar dos Alliados; e concederemos que, não obstante as restricções que interpozemos, o bloco precisa, se não de o egualar, porque estamos d'accôrdo em que o não conseguiria graças á populosidade dos paizes adversos, de o neutralisar o mais possivel.

Um dos processos consiste no que s'esboçou a traços breves: elevar ao máximo a sua potencialidade militar com o alargamento de limites no serviço e uma instruccão intensiva, — o que não é difficil d'obter com as suas reservas, quasi infundaveis, d'officiaes e d'instructores, e com a receptividade especifica que a tradição e o temperamento imprimiram ás populações. O outro, visto como a sua attitude, por'ora ao menos, tem de ser forçadamente defensiva, em construir um verdadeiro quebra-mar, em oppôr á violência da maré dos assaltantes filas successivas d'obstáculos, que pouco a pouco a vão amortecendo. Estamos seguro de que nenhum d'esses processos de defeza, de resto quasi instinctivos, esqueceu. O terceiro, que de certo não foi tampouco descurado, em organizar fortes reservas quer para cobrir as baixas e reforçar tal ou tal ponto mais sujeito a um accidente, quer para retomar a offensiva logo que a oportunidade se offereça, e tambem para sustar ou esmaecer os golpes finaes, decisivos, que o inimigo não deixará de vibrar na derradeira phase da contenda. Se não estão já em execução, é pouco d'acreditar que não o estejam dentro em pouco. Tomando estas disposições elementares, o bloco nada mais fará, no fim de contas, do que em todos os tempos e em todos os paizes se tem feito, desde qu'existem sitiadores e sitiados.

De maneira que — em resumo — os Alliados téem o seguinte problema a resolver: abrir uma larga brecha n'um immenso recinto entrincheirado, e atacado em quatro frentes, por onde possam attingir alguma

viscera vital; e para isso contam com o número e a liberdade exterior de movimentos. E o bloco dos impérios, o seguinte: impedir que essa larga brecha se abra em qualquer d'ellas, porconsequente que algum ponto vital seja attingido: e para isso conta com a *qualidade* do exército defensor, e a liberdade interior de se deslocar.

Posta a questão n'estes termos, meia dúzia de linhas bastam para lhe dar a resposta provavel que admite.

A frente sudoeste ficará inacessivel, como até agora, ao ataque italiano (1); porque natureza e arte se mancommunaram aqui para o repellir. Quatorze mezes de guerra, com insignificantes conquistas no terreno, mostram bem que o bloco, por este lado, é inabordable.

A frente balcânica ha oito mezes que não dá nada; nem sequer emite rumor flebil de que possa vir a dar alguma cousa emquanto novidade de vulto não surgir em qualquer das outras frentes, ou a Rumania (porque a Grécia não é provavel) não resolva fazer causa commum com os Alliados; e a seu tempo, uma vez mais, se verá que era justa a nossa previsão de «*O nó dos Balkans*» sobre a attitude d'esse povo no conflicto.

Na frente oriental, os Russos téem rápida e consideravelmente progredido, não ha dúvida, graças sobretudo aos seus effectivos enormes; mas dissemos já que esse progresso vai sendo mais vagaroso dia a dia, e está longe de ameaçar seriamente por emquanto a supremacia dos Austro-allemaes no território conquistado no

---

(1) A tomada de Goritzia (9 d'agosto), no dia immediato áquelle em que concluíamos este opúsculo, não cremos que nos desmintá.

anno findo. E a razão quer-nos parecer que é muito simples. Uma invasão da Hungria ou Áustria é inexequível sem a posse da Galícia; a posse da Galícia, insustentavel emquanto se não possuir a Polónia sul-oriental até ao Vístula, pelo menos; esta parte da Polónia, insustentavel egualmente não se tendo as linhas fortificadas d'esse rio, do Narew e do Niemen, isto é, sem se obrigar os Allemães a recolherem da Curlândia á sua Prússia oriental. Será isto facil? Pelo contrário: é difficilimo. Evoque-se as phases capitaes da campanha da Polónia (cêrca de maio até setembro do anno findo); examine-se o plano posto em execução por Hindenburgo; calcule-se como, na previsão do actual retorno offensivo dos Russos, todas essas e outras linhas estratégicas se terão disposto para receber o esperado visitante, e veja-se o que não terá elle de lidar, e de soffrer, antes que aviste sequer as margens do Vístula e do Narew. Attente-se ainda em que os Allemães estão por emquanto plenamente senhores das linhas do Bug e do Pripet, e de toda a sua antiga frente desde este rio até á Curlândia; e que, porisso, os Russos se vão expondo a um perigoso ataque de flanco, vindo do norte e do sul ao mesmo tempo, á medida que mais avancem para oeste entre o segundo d'aquelles rios e os Carpathos. Junte-se mais que os Polacos, que infallivelmente não vão hesitar entre os Austro-allemaes e os Russos, «defenderão ferozmente» a sua pátria contra esta primeira «tentativa de *revanche* moscovita», conforme já tínhamos observado n'«*A situação militar europeia*» (a pag. 101), e os factos vieram confirmar (1). E de tal ordem é este factor moral do lado

---

(1) Comunicado austríaco, 8 de julho: ...«As tropas que ha quatro semanas resistem ao norte de Kolki contra um inimigo duas a cinco vezes mais numeroso, recuperaram hontem duplas linhas avançadas que haviam perdido, favorecidas pelo ataque das tropas allemãs a O. de Kolki e *pelo heroísmo das tropas da Polónia.*» O itálico é nosso.

do inimigo que a Duma se apressou (a 3 de julho) a ampliar aos camponeses, quer dizer, á grande maioria dos soldados do império, os mesmos direitos civis que a lei reconhecia ás outras classes. Repare-se ainda em que o exército assaltante nunca valeu technicamente o do inimigo, foi preparado em oito mezes, e recebeu pois uma instrucção militar incompleta, que mais sensível ha de tornar aquella sua inferioridade relativa. Não esqueça tambem que os Austros-allemaes gastaram pelo menos cinco mezes a realisar o seu plano de conquista; e que da boa estação aproveitavel para grandes movimentos estratégicos restam só uns tres, escasos. Recordemos, porfim, que a defeza da Polónia, passando já em silêncio a do território dos dous impérios, é para ambos uma necessidade fundamental, por motivos que de prompto se percebem; e que todas as suas grandes fortalezas da época do dominio russo devem, pois, ter sido reforçadas e completadas por inúmeras obras defensivas.

Concedemos, poisque o Russo é por tradição e temperamento um soldado, não obstante a sua organização e instrucção militares deficientes, que o exército invasor transponha o Bug, chegue a attingir o Vistula e o Narew, e ensaie mesmo abrir algures caminho para a Prússia oriental. Mas será esse o máximo alastramento que poderá razoavelmente conseguir depois de muitos mezes d'investidas porfiadas e á custa d'enormes perdas. Essas linhas, e muito provavelmente as do Niemen e Dwina, resistirão aos seus ataques furiosos; cada uma será um intransponivel Isonzo que nem tempo, nem arte, nem coragem temerária lograrão ultrapassar. Ha muito que é esta a nossa opinião sobre o retorno offensivo a que assistimos. Somos levado mesmo a presumir que não se manterão n'essa zona da Polónia senão quanto baste para se tornar perceptivel a esterilidade dos seus esforços, e o bloco coordenar novo plano



offensivo que os recalque para as posições d'onde sahiram.

Á superioridade apenas numérica não pensamos que seja sensato fazer mais largas concessões ; e é evidente que, em relação aos Russos e á frente oriental, a liberdade exterior de movimentos, de que acima fallávamos, não constitue elemento de vulto que a reforce.

Na frente occidental, finalmente, os successos n'ella occorridos desde que a lucta começou, e sobretudo os resultados colhidos pela recente offensiva anglo-franceza no Somme, e antes pela offensiva allemã contra Verdun, induzem-nos irresistivelmente a suppôr que tudo continuará como até aqui. Se a resistência além, na Polónia, é o que dos últimos communicados officiaes se collige, aqui, na França e Bélgica, será simplesmente formidavel: tracta-se aqui d'um penhor de que nem mesmo a Polónia se approxima. Os Allia-dos téem por si o número e a liberdade exterior de movimentos, á qual precisamente devem a possibilidade de manterem aquella superioridade d'effectivos. Mas, faça-se o que se fizer, diga-se o que se quizer, o exército inglez e as tropas coloniaes serão sempre inaptos para movimentos geraes em toda a extensa linha de batalha ; e só poderão representar um valor combativo a ter em conta na lucta ordinária de trincheiras, e n'um ataque em frentes reduzidas. É por este último processo que s'espera recalcar para a sua fronteira os Allemães? Pois não se terá enganado quem disser que nem talvez dentro d'um anno, sobretudo quando o inverno tornar as operações difficeis e morosas, terão chegado á linha do Escalda, nem conseguido sequer reduzir a cintura de praças e reductos que fecha a fronteira da França, desde Lille até Maubeuge. E como se pretende que as cousas passem d'outro modo se os Allemães, com excellentes soldados e officiaes, com uma



preparação antecipada minudente e abundantíssima de material e munições, e com superioridade d'effectivos, só conseguiram avançar em Verdun, em cinco mezes, uma dúzia pouco mais ou menos de kilómetros? Vale-rão menos, para resistir, do que os Francezes, e me-nos que os Inglezes para atacar? Pensar-se-ha que a sua fronteira militar está menos bem defendida que a franceza? Ou que o solo conquistado, que essa fron-teira e uma série de linhas escalonadas protegem, é mais accessivel a uma aggressão do que o solo fran-cez desde a frente militar até Paris? Mas suppo-lo se-ria ingenuidade, nada mais. Os Alliados téem o nú-mero, certo é; mas inutil repizar em que, d'esse número, metade é qualitativamente inferior; e que, além d'isso, para uma guerra de posições, ou de aggressões em frentes reduzidas, ha um máximo de soldados, excedido o, qual o número serve sómente para embaraçar os movimentos e tornar mais cruento o morticínio.

Na peor hypóthese — desenganemo-nos — os Alle-mães poderiam talvez retrogradar até ao Mosa; elles e os Austro-húngaros, a leste, até ás linhas fortificadas a que já nos referimos, e só depois de haverem infligido ao exército alliado enormes perdas, perdas sem relação com as vantagens obtidas. Para áquem d'esses limites, nada auctoris a crêr que retrocedam. Ter-se-hia aberto duas brechas no bloco entrincheirado; nenhum orgão vital seria attingido. Berlim, Vienna, Budapest, ficam longe d'essas e até de maiores brechas; mas se a França está bem viva e luctará, tendo Pa-ris a 80 kilómetros só do inimigo, como se quer que o bloco, com as suas capitaes bem a coberto, deixe de combater e succumba porque o adversário se aproxima — se aproxima sómente, repare-se — das suas fronteiras ordinárias e poderosamente dispostas para a defeza?

Sem dúvida, pelos erros commettidos, que no logar próprio indicamos, persuadimo-nos de que o bloco,

nas condições presentes da lucta, não conseguirá prevalecer; mas affigura-se-nos igualmente indubitavel que, nas mesmas condições actuaes do conflicto e pelos erros que por seu lado commetteram, os Alliados não conseguirão tambem dictar-lhe a paz. É, como se vê, a solução que já prevíramos no opúsculo «*A situação militar europeia*», e que novos factos e novos argumentos téem vindo pouco a pouco confirmando.

Temos, por esta maneira, respondido á questão formulada a pg. 81: o bloco impedirá provavelmente a abertura de largas brechas que não lhe seja possível reparar; e, a não se dar qualquer perturbação interior de gravidade imprevista, nenhuma lesão séria lhe attingirá órgão algum essencial. E fica do mesmo modo respondida a pergunta, a pg. 35: esta phase da guerra pode considerar-se decisiva, mas sómente no sentido em que a lucta fica virtualmente terminada com o equilibrio recíproco dos recursos e das forças.

\*

\* \*

P. S.—Sahe este opúsculo tal qual o redigimos, salvas alterações leves de forma e as notas a pag. 61 e 81. Não gostamos de rectificar o que escrevemos.

A intervenção da Rumania pode não levar ao desfecho que ella e os Alliados esperavam, desde que subsistem pelo menos tres incógnitas: a Suécia, a Grécia e a Polónia. Accresce que é menos difficil uma invasão da Valácchia pelo bloco do que uma offensiva russa-rumena atravez da Dobrudja e Danúbio. Assumpto a reservar para a «*Campanha e questão do Oriente*».

# NOTAS FINAES

## Effectivos belligerantes

(1) A potencialidade militar das nações belligerantes pode calcular-se, approximadamente, do seguinte modo (em 1:000 homens):

	All.	A.-H.	Bulg.
População (por 1910):	68:000	50:000	4:000
»    varonil de 20 a 45 an. (18 <sup>0</sup> / <sub>10</sub> ):	18:240	9:000	720
Perdas desde o principio da guerra (1 <sup>1</sup> / <sub>3</sub> ):	-3:060	-2:250	-50
	9:180	6:750	670
Na vida civil (2 <sup>2</sup> / <sub>5</sub> ):	-3:672	-2:700	-268
Nas fileiras:	5:508	4:050	402
			9:960

	F.	Ing.	It.
População (id.):	40:000	40:000	34:000
»    varonil (»):	7:200 (*)	6:400 (16 <sup>0</sup> / <sub>10</sub> )	6:120
Perdas (»):	-1:800	-1:600	-1:530
	5:400	4:800	4:590
Na vida civil:	-2:700 (1 <sup>1</sup> / <sub>2</sub> )	-2:880 (3 <sup>1</sup> / <sub>5</sub> )	-2:295 (1 <sup>1</sup> / <sub>2</sub> )
Nas fileiras:	2:700	1:920	2:295
			6:915
Sérvios, Belgas e contingentes colonias:			600
			7:515
Total, em n.os red.os, das tropas alliadas (excepto a Rússia):			7:500
»    »    »    »    »    »    do bloco (    »    » Turquia):			10:000

(\*) Acabamos de ler n.º *A Lucta* d'hontem (17 d'outubro), em carta do seu correspondente do Paris, que a França tem 38 milhões d'habitantes e mobilisou 6 milhões e meio d'homens, o que corresponde á percentagem de 17.

(OBS. — A população foi calculada sobre os números de Vidal de la Blache no seu livro «*Les Principales Puissances*» e da «*Géographie générale*» de Foncin (índices de augmento demográfico, pg. 97). A percentagem da população varonil é a que se apurou no Porto, em 1911. As perdas são as que o «*Temps*», de 9 de julho passado, attribuiu ao exército allemão até 1 de junho anterior. As que alvitramos á Bulgária resultam do facto de ter sido a lucta nos Balkans menos uma campanha do que uma «fulminante e cruel montaria», como dizemos no texto.

A' população ingleza, uns 45 milhões em 1910, abatemos 5 milhões porque a Irlanda foi excluída do serviço militar obrigatório; e porque, devendo regular por 7 milhões a sua população, a percentagem de 16 (exprimindo a população masculina dos 20 aos 41 annos, conforme a lei ingleza) applicada aos 2 milhões restantes corresponde a um contingente de 320:000 homens, o máximo com que é provavel haver ella contribuído pelo recrutamento voluntário.

A percentagem de 40 para os homens do bloco, em idade militar, occupados na vida civil não crêmos qu'esteja deprimida, pelas razões dadas no texto. A de 60 para a Inglaterra não deve estar exaggerada, pela necessidade evidente de manter este paiz, quanto puder, a sua pléthora de vida na indústria, no commercio e nos transportes. Demos a de 50 á França e á Itália por julgarmos intermédia ás da Inglaterra e da Allemanha a sua situação económica exterior.

De resto, no problema que faz objecto d'esta nota o que importa é a proporcionalidade reciproca, e não o valor absoluto, dos algarismos que figuram n'estes quadros.)

Applicando o mesmo método á Russia e á Turquia, não obstante a incerteza nos elementos demográficos, chega-se a este resultado em números redondos, não de todo inverosimil:

		R.	T.
População	(id.):	124:000	20:000
»	varonil ( » ):	22:000	3:600
Perdas	( » ):	—5:500	—900
		<hr/>	<hr/>
Nas vida civil	( $\frac{1}{2}$ ):	16:500	2:700
		—8:250	—1:350
Nas fileiras		<hr/>	<hr/>
		8.250	1:350

As perdas russas estão com certeza exaggeradas. Mas é preciso não esquecer que o número de, por ex., 9 milhões de soldados tem contra si os desfalques nos effectivos a mobilisar em consequência da invasão austro-allemã em províncias populosas, a falta provavel de quadros, e tambem de recursos financeiros comparaveis aos da Inglaterra e da França, afóra as difficuldades no armamento e municiamto de tantos homens. O mais pro-

vavel é que não atinja sequer os 8 milhões. Aquellas difficuldades vêem juntar-se, na Transcaucásia, a do abastecimento e a d'um serviço rápido d'evacuação de feridos e affluência de reforços, por carência de linhas férreas e d'estradas. E como para a offensiva actual não lhe são precisos nem  $\frac{2}{3}$  do primeiro número de soldados, é provavel que a Rússia tenha n'este momento os seguintes effectivos, excluidas as reservas: 4 milhões na frente oriental, 600:000 na Transcaucásia. Repare-se em que, n'esta última frente, aquella offensiva quasi que cessou por completo.

Se este cálculo é admissivel, segue-se que os Turcos dispõem ainda de tropas para combater o inimigo n'esta região, na Mesopotámia e em Suez; mas que é pouco provavel disporem, como tambem occorre com a Bulgária, para levarem reforços de vulto á frente oriental, segundo os jornaes ha pouco annunciaram. Para sustentarem a lucta, os Austro-allemaes têm pois, ao que pensamos, de appellar para os seus recursos exclusivos; isto é, de cobrir um *deficit* de 1,500:000 homens, mais ou menos.

Para resolver o problema, o único processo original a seguir pelo bloco dos impérios — visto como o alargamento dos limites d'idade podem tambem adoptar-o os Alliados, embora com utilidade dubitativa — seria a redução de  $\frac{2}{5}$  a  $\frac{1}{3}$ , pelo menos, dos homens na idade militar distrahidos em occupaões civis presentemente; e sel-o-ba, sem dúvida alguma, se as circumstâncias apertarem. Mas por'ora crêmos que não apertam, por esta razão: precisarem de reservas os Alliados, e deverem ellas ser numericamente superiores ás do bloco. Fixemol-as com  $\frac{2}{5}$ , e as do bloco em  $\frac{1}{5}$ , dos effectivos acima calculados. Teremos, assim, este quadro:

Nas frentes occidentacs:	4.500 mil;	reserva	3.000 mil	}	Alliados
Na frente oriental:	4.000	> ;	> 1.600		
	8.500	> ;	4.600		
Nas tres frentes:	>	> ;	1.500		Bloco

Suppondo, porém, que os Alliados reúnam nas tres frentes 9 milhões de soldados — e não se vê bem como empregar utilmente tantos homens — restaria ao bloco a reserva de 1 milhão, sufficiente para cobrir as perdas a soffrer nos  $\frac{2}{3}$  do terceiro anno da guerra, acima computadas em  $\frac{1}{5}$ , cada anno, da população sujeita ao serviço militar. Por conseguinte, só em princípios do anno próximo lhe será preciso recorrer á redução de que fallamos, e que lhe dará seguramente 1 milhão d'homens; ou então, ao alargamento, até aos 50 annos pelo menos, do actual limite do serviço, que lhe dará mais de 2 milhões, e que teria para elle uma utilidade militar que não pode ter para os Alliados. O que julgamos positivo, no emtanto — e para isso é que esta nota se redigiu — é que não será por carência de soldados que o bloco deixará de resistir ao esforço que o grupo adverso vem fazendo.

Não deixaria em agosto passado, quando redigiamos esta nota. Mas



a Rumania, contra o que nós e toda a gente suppozéramos ao lêrmos a notícia da celebração d'um convénio económico, e em geral das suas relações cordaes, com o bloco dos impérios, travou subitamente das armas contra elle, e—ao reбуço do que toda a gente e nós imaginávamos—com intuitos declarados de conquista. Applicando ao novo belligerante o mesmo método de cálculo, teremos:

População	(id.):	7.000
» varonil ( > ):		1.260
Na vida civil ( $\frac{1}{2}$ ):		—630
Nas fileiras:	630, dos quaes	252:000 ( $\frac{2}{5}$ ) para reservas.

Completar-se-hiam quasi, com um effectivo de 378.000 Rumanos, os 9 milhões de combatentes alliados que suppozemos nas tres frentes; e os 1.500:000 que demos ás reservas do bloco, ficariam reduzidos a pouco mais do que 1 milhão. Como porém continua a haver uma reserva, embora exgottavel antes do tempo acima calculado, e a possibilidade do recurso de que tambem se fallou acima, não julgamos ter d'alterar a conclusão expressa no fim da nota que a belligerância da Rumania nos levou a revêr, e a publicar n'esta nova edição do nosso opúsculo.

Para a deixar, quanto possível, completa, supporemos ainda que a Grécia (a Grécia official, porque uma parte da não official está em plena revolução) resolve seguir no encalço da Rumania e alinhar com os Alliados. O contingente com qu'entraria não iria além, provavelmente, dos 150:000 homens que se compromettera a dar á Sérvia na hypótese do tratado que as ligava entre si, a crêrmos nos informes telegráphicos. Com uma população de 3 milhões, deveria ser elle de 250:000 homens, pelo menos. Mas, attendendo-se á redução soffrida com a transferência d'uma parte do seu exército para a Allemanha e para a Bulgária, e a soffrer com os embaraços na mobilisação creados pela anarchia em que s'encontra, sobretudo nas ilhas, na Macedónia e no Epiro, difficilmente reunirá e concentrará 100:000 homens em que um dos grupos belligerantes possa confiar. Para os Alliados, seria um reforço numericamente de pouco vulto, e que aliás a Rússia podia fornecer, e d'efficácia muito duvidosa moralmente: as preoccupações de Sarrail não deverão ser já pequenas com o seu exército constituído por soldados que, ao menos no ponto de vista glóttico, nos trazem ao espirito a lembrança da torre de Babel, e com os insurrectos gregos que affluem a Salónica, cuja disciplina, certamente, não é o modêlo com que mais conviria reforçar-lhe a cohesão. Para o bloco, o perigo era menor, se fôr verdade, como parece, que o mundo militar do pequeno paiz mediterrâneo s'inclina para o seu lado, e não hesitaria em apoiar a politica germanóphila do rei; mas seria um perigo sempre, desde que muitos compatriotas e camaradas combatiam nas fileiras inimigas. No meio da formidavel desordem que lavra actualmente pelos Balkans, e que, em nossa opinião, é de

responsabilidade quasi exclusiva, primeiro, dos Alliados, e depois do bloco dos impérios, o que se nos affigura vrosimil é que, por'ora ao menos, nem a Grécia represente um valor grande para qualquer dos grupos de Potências, nem sinta algum d'elles vehemente disposição em a arrastar para o seu partido. Nada a fazer de sólido e sério, em politica interior e exterior, n'um paiz anarchisado.

### Extensão das frentes de batalha

Tem-se exaggerado não pouco a extensão das duas frentes de batalha, occidental e oriental.

A primeira forma a diagonal d'um rectângulo cujos lados seriam o arco de meridiano comprehendido entre os parallellos 47°,5 e 51°, e o arco de circulo menor limitado pelos meridianos 0,5° e 4,5° orientaes; o primeiro terá cerca de 388, o segundo 450 km.

Em linha recta, a frente terá cerca de 600 km. com bastante aproximação, e cerca de 700, 750 quando muito, attendendo-se ás inflexões. Para 900, conforme nos recordamos de se lhe haver attribuido, a differença é consideravel.

A segunda, desde Riga até ao norte da Moldávia, constitue um arco de meridiano entre os parallellos 48° e 57° pouco mais ou menos.

Em linha recta, não teria mais que 1:000 km.; com a inflexão do Dwina para sueste, e outras menores, não é provavel que tenha mais de 1:200 km. Para 1:500, em que tem sido computada se bem nos recorda, vai tambem sua differença.

Com a entrada da Rumania em scena, o seu alongamento é pouco mais ou menos o seguinte (excluida a pequena frente na Dobrudja, de cerca de 50 km.): 222 km. na fronteira occidental da Moldávia (correspondentes a dous graus de latitude) e 360 km. na septentrional da Valáchia (correspondentes a quatro graus de longitude); 600 km. ao todo, quando s'attenda ás inflexões. N'este facto, que obriga o bloco dos impérios a um enorme desdobramento da sua frente oriental, está um dos motivos da importância que para elle e o grupo adverso reveste a belligerância da Rumania. E' o restabelecimento, no ponto de vista da extensão, da antiga frente sérvio-húngara (Danúbio, Save e Drina), com a aggravante de ser continua com a poderosa frente moscovita.

### O Snr. Venizelos

A interpretação provavel do papel desempenhado por este personagem e o seu partido ao tempo da invasão da Sérvia, e do que ao presente

vêem desempenhando, reservamol-a para o nosso opúsculo «*Campanha e questão do Oriente*». Por'ora, aqui se consignam alguns esclarecimentos necessários.

Primeiro, um *lapsus memoriae* que é preciso corrigir:

Não foi elle, foi o conselheiro da legação grega em Roma, que declarou não querer «vêr o seu paiz desamparado como a Bélgica». Eis o telegramma em que se contém o ponto em questão, tal qual se lê no *Diário de Notícias*, 26 de setembro de 1915, a quem pedimos vénia por esta e outras transcripções que da sua excellente secção telegráphica, e em geral informativa, fazemos, e teremos ainda de fazer:

«Roma, 25. (Entrevista do Correspondente com o citado conselheiro)

—No caso de a Servia ser atacada pela Bulgaria, a Grecia ajudal-a-ha, cumprindo assim os seus compromissos; mas caso a Servia seja atacada pelos Austro-allemaes. limitar-se-ha a velar pela sua existencia, conservando uma neutralidade armada, porque a Grecia não quer ser *outra victima* da actual conflagração. É claro que a Grecia marchará com as tropas da *Quadrupla-Entente* que forem enviadas a defender a Sérvia contra os ataques da Bulgaria e dos Austro-allemaes».

O sublinhado é nosso. Poisque não se dera ainda a invasão dos Balkans, a victima ao tempo só podia ser a Bélgica, a não ser que o entrevistado adivinhasse já o destino trágico da Sérvia.

A rectificação, como acaba de se verificar, não é tão importante que impozesse necessidade imperiosa dê a fazer; consignamo-la aqui porque, tendo-se por certo divulgado a entrevista, Venizelos, que não a *desavoua*, conforme não deixaria de o fazer se ella lhe não interpretasse o pensamento, se tornou naturalmente solidário com as declarações do diplomata, seu inferior na hierarchia burocrática. No emtanto, ella ahí fica: podia muito bem acontecer que o advogado de Creta (segundo alguns informes, dando-o porém outros como originário do Epiro) não tivesse conhecimento da entrevista em questão antes de se haver demittido, poucos dias depois, da presidência do Conselho, ou não julgasse opportuno, por motivos quaesquer, desmentir o entrevistado, quando por outro modo não lhe fizesse sentir o seu desagrado e dissentimento.

Segundo: é certo que Venizelos pediu tropas á *Quádupla-Entente*, na intenção provavel, crêmos bem, de tornar mais efficaz o auxilio que o seu paiz tinha, na sua opinião, o dever de dar á Sérvia, ainda mesmo que este dever (diz-nos a insuspeita Havas em telegramma de Athenas, 5 d'outubro de 1915) «levassc a Grecia a tomar posição contra a *Allcmanha*». Esse pedido consta do telegramma seguinte, da mesma agência auctorisada (declarações do marquez de Lansdowne, na camara dos Lords): «(Londres, 27) que a Sérvia ameaçada se dirigiu á Inglaterra. Pensamos então em fazer auxiliar a Sérvia pela Grecia, que está ligada áquella por interesses communs, e por um tratado formal. O snr. Venizelos pediu que fosscm fornecidas tropas á Grecia para poder auxiliar a Sérvia. A França e a Inglaterra enviaram então forças para Salonica, e prepararam effectivos mais

importantes. Ponco depois, a Grecia foi d'opinião de que o tratado servio-grego não a obrigava a soccorrer a Sérvia », etc. Assim, pois, é positivo que Venizelos pediu tropas á Quádrupla, e que esta as enviou; e não é menos positivo, como se lê em telegramma da mesma agência, d'aquella data de 5 d'outubro, que Venizelos vira as suas declarações bellicosas approvadas na câmara dos deputados grega por 50 votos de maioria (que a Havas rectifica, em telegramma d'igual dia, para 40).

Tercero: e comtudo não é menos certo que Venizelos protestara contra o desembarque das tropas alliadas em Salónica, conforme pela mesma insuspeitíssima Havas soubemos, em nota sua com a mesma data e procedência: « O desembarque das tropas em Salonica começou hoje. Ha alguns dias que os Governos alliados tinham tomado as suas resoluções e dado as ordens necessárias, mas antes de negociarem com o Governo grego, o qual, sendo ainda neutro, fez um protesto que podia não ter feito ». O resto do telegramma-nota fica para depois.

Por'ora basta. Se acham que fomos injusto para como o turbulento advogado, queiram relêr e conciliar entre si essas notícias.

---

### Apreciações sobre commandos

Do *Morning Post*, trad. no «*D. de Noticias*», 15 de set.º de 1915:

«Devemos advertir o paiz de que a situação é perigosa. Apesar do que dizem os optimistas profissionaes, é seguro que os Russos evacuem a Polonia porque foram a isso obrigados. O grande movimento involvente realisado pelos exércitos allemães no Norte e no Sul não terminou ainda. O movimento é summamente ameaçador. Será necessario todo o poder do grão-duque para escapar ao involucimento com o qual os grandes estratégicos allemães ameaçam os exercitos russos.

De «*L'Homme enchainé*», (ib., id.):

«Diz que não quer atacar o alto commando do exército nem Joffre pessoalmente; mas exige que seja permittido dar algum conselho util áquelle general. Não é admissivel que se considere infallivel o alto commando militar. O malogro da offensiva franceza na Champagne, no Woevre e no Artois não se deve á falta de munições nem á falta de valor nos soldados. Deve haver algum outro defeito, e é obrigação do governo dar prompto remedio a estes males».

---

### Recriminações á censura

Do *Times*, no «*D. de Noticias*», 14 de set.º de 1915:

«Disseram-nos ha poucos dias que os Turcos haviam logrado conter



o nosso avanço, e desde então não sabemos nenhuma nova noticia. A verdade é que não vem nenhuma informação exacta dos Dardanellos, mas sim uma continua e crescente lista de baixas. A verdadeira conclusão, com respeito á situação da península de Gallipoli, é que, até á data, não obtivemos vantagem material. Não comprehendemos porque o trabalho dos censores ha de consistir em supprimir a verdade desagradavel e em deixar passar as alegres mentiras.

### Parcialidade crítica

Do número da *Revista argentina* e do artigo do seu collaborador, todos citados no texto, extrahiremos ainda o seguinte :

... «en un ruidoso artículo en el *New York Times*, el ex-presidente Roosevelt ha declarado que «todo pensador, todo corazón recto, en el mundo entero, debe desear que exista un poderoso y unido imperio germánico, bastante fuerte para no tener temor ante ataque alguno, y suficientemente justo para no causar, a su vez, temor ninguno a las naciones vecinas». (pg. 395).

Depois de se referir á censura telegráfica, o articulista mostra por um exemplo não ter ella podido obstar a que se soubesse a verdade sobre alguns precedentes immediatos da guerra; « así, el corresponsal inglés Towse, de Londres, escribe en la revista norte-americana *The Nation* (n.º de agosto 11) lo siguiente: « desde el 1.º de agosto (tres días antes de la declaración de la guerra con Inglaterra) se efectúan apresuradamente y con todo sigilo aprestos bélicos: poco a poco se ha llegado a saber que los preparativos para la guerra han empezado ya hace tres meses; sé también que los oficiales de reserva de la marina inglesa han sido embarcados hace tres meses en sus buques; y he recibido, de fuente absolutamente fidedigna, la comunicación de que lord Kitchener ha estado, hace algunas semanas, secretamente en Bélgica para tomar, en unión con el estado mayor belga, las disposiciones militares e iniciar los preparativos para la guerra; el 3 y 4 de agosto, una parte considerable de las tropas inglesas se hallaban ya concentradas en Dover: además, se considera como un hecho que la movilización de la escuadra inglesa ha sido ordenada por el rey de Inglaterra, secretamente, hace semanas ya, disimulada como una revista naval; en todo caso es cierto que la escuadra inglesa estaba lista para entrar en acción; fue distribuida de acuerdo con los planes estratégicos del almirantazgo, antes de que se haya determinado la declaración de la guerra... » (pag. 395 e 396).

Supomos que se terá comprehendido porque não utilizamos n'este opúsculo o primeiro d'estes trechos, nem usariamos levemente do segundo em qualquer outro; e porque só contrariado resolvemos inserir-los n'esta nota.



# SUMMÁRIO

---

## O BLOQUEIO NOTICIOSO

Breves palavras de introito, pg. 3 a 7. Um artigo da *Revista argentina de ciencias politicas*: os cabos submarinos e as grandes agências telegráficas, pg. 10 a 15; a censura politico-militar ingleza, pg. 15 a 19; justificação e regras da censura, pg. 20 a 25; alguns dos seus excessos e resultados, pg. 26 a 35.

## A NOVA PHASE DA GUERRA

Offensivas austro-húngaras, e russo-franco-inglezas, pg. 35 a 40; a batalha do Marne, pg. 41 a 48; a campanha da Polónia, pg. 48 a 54; a campanha dos Balkans, pg. 54 a 58; erros militares e políticos dos impérios centraes, pg. 58 a 66.

O cêrco ao «bloco entrincheirado»: factores mo-raes e económicos da sua rendição, pg. 67 a 72; factores militares, pg. 72 a 80; o bloco será militarmente re-ductivel?, pg. 81 a 86.

## NOTAS FINAES

Effectivos belligerantes, pag. 87 a 91. Extensão das frentes de batalha, pg. 91. O snr. Venizelos, pg. 91 a 93. Apreciações sobre commandos, pg. 93. Recriminações á censura, pg. 93 e 94. Parcialidade critica, pg. 94.



Biblioteca Portuguesa Editora

Rua da Imperatriz, 100 - Rio de Janeiro

1974

# PARA A HISTÓRIA DA CRÍSE EUROPEIA

Tradução de [illegible]

[illegible]

[illegible]

1974

[illegible]

[illegible]

[illegible]



Biblioteca Portugueza—Editora

Trav. de Cedofeita, 54 — PORTO

Bazilio Telles

PARA A HISTÓRIA  
DA CRISE EUROPEIA

(Documentos diplomáticos, 1905-1914,  
traduzidos e commentados)

Publicação por assignatura

1 vol. de 250 páginas em bom papel,  
pago no acto da entrega . . . . \$80  
Depois da entrega, preço . . . . 1\$00

Edição da BIBLIOTECA PORTUGUEZA—Editora,  
Travessa de Cedofeita, 54—Porto, onde se recebem  
assinaturas.

**A beligerancia Portugueza** (no prélo) . . . . .  
**Hora crítica** . . . . . \$20  
**A Inglaterra pacifista** . . . . . \$20  
**A França e a guerra de 70** . . . . . \$20

